


# *DesVendada*

***K. Bromberg***

Uma noite.
Um erro.
Cheio de medo.
Saciada por prazer.
Roubada de seu controle.
De olhos vendados e amarrada.
Envergonhada, ela gostou.
Condenada a querer.
Limites testados.
Limites empurrados.
Desejo despertado.
Inibição desencadeada.
Uma identidade desvendada.
Vidas mudadas para sempre.

**Traduzido e Revisado do Inglês**

***Envio do arquivo: Leka***

***Revisão Inicial: Cris Reinbold***

**Revisão *Final: Leka***

***Formatação: Cleusa***

***Imagem: Élica***

***Comentário Cris Reinbold***: Quem não sonhou e não conseguiu realizar seus sonhos mais secretos... Aqui contamos a história de uma esposa, mãe, mulher, cheio de sonhos, anseios, desejos... E um homem que conseguiu ver todos eles, e tentar realiza-los.

***Comentário Leka:*** Lily é casada há 10 anos e quer reacender o casamento, que entrou na rotina. Ela anseia por mais, quer e precisa de mais. Uma viagem é planejada para que seu desejo seja realizado.

# Capítulo Um

Eu desejo nunca ter olhado para cima.

Eu desejo ter mantido minha cabeça para baixo e voltada para os cubos de gelo flutuando sem rumo no meu copo, um reflexo de como me sentia. Vivendo um dia após o outro, desaparecendo lentamente no ambiente ao meu redor, sempre lá, mas não realmente necessário. Apenas reconhecendo se faço algo errado, em vez de a centena de outras coisas que faço bem.

Gostaria de ter mantido a mim mesma, telefonado para o meu marido e fingindo me importar que ele tivesse ligado por uma emergência de trabalho de última hora em nosso décimo aniversário de casamento quando tudo o que eu sentia era a indiferença. Então poderia ter vagado pelas ruas de paralelepípedos, mas completamente sem conteúdo. Eu teria ido até o nosso quarto de hotel, me aconchegado com um cobertor na varanda sob um céu da Toscana com o meu e-reader. Teria devorado os livros que eu vim a amar, que me ajudaram a despertar minha sexualidade. Os livros que me fizeram

perceber que está tudo bem querer mais da minha vida sexual, querer o meu marido empurrando e inovando comigo. Experimentando comigo. Exigindo mais de mim.

Mas não foi minha ideia.

Olhei para cima para os olhos cor de chocolate escuro pecaminoso e delicioso. Irresistível. Atração instantânea despertou com um aceno sutil de cabeça e uma mordida no meu lábio inferior. Conheci olhar por olhar, um sorriso espirituoso em sua boca enquanto seus olhos raspavam por cima de seus lábios, passando o anel de casamento no dedo antes de voltar e encontrar o meu. Nós continuamos a olhar um para o outro, os olhos escurecendo com o desejo e a língua se lançando para molhar os lábios. De repente, tornou-se desconfortável com a proposição flagrante do oferecimento dos olhos e desviei o olhar. E mesmo assim, eu ainda podia sentir seus olhos em mim, o pelo em meus braços arrepiados da sensação de estar sendo observada, estudada e analisada.

De ser desejada.

Eu deveria ter recusado a bebida que o barman deslizou na minha frente com um murmuro: — Com os cumprimentos do *il signore*[1]. — Eu deveria ter ficado sentada lá intacta em vez de beber mais do mesmo, só de olhar para os restos e os cubos de gelo derretendo.

Eu deveria ter.

Eu gostaria de ter.

Mas *não tive.*

Meu corpo tremeu com um potente cocktail de medo misturado com prazer traidor. A sensação aumentou chocando minha mente de volta ao presente. Para o aqui e agora. Para a mão enluvada deslizando um dedo entre os meus seios, a respiração ofegante do homem que não posso ver, para o furto desconhecido por mim.

E a dor profunda a ser propriedade.

*Eu nunca deveria ter olhado para cima.*

Seus dedos deslizam entre as minhas pernas abertas e empurrando além dos meus lábios, molhados e inchados, resultado de tudo que ele fez para mim até agora.

Resistência é muito longe.

Vergonha foi obliterada.

O medo continua a ser uma presença fria e insensível. Mas o mesmo acontece com o desejo inesperado enchendo através de meu corpo como um trem de carga.

[1] Italiano: O senhor.

Grito com a sensação de dois dedos de luvas de couro quando eles empurram o seu caminho em mim, a textura do material uma sensação estranhamente agradável. Estou tão crua, tão sensibilizada, tão acostumada, que acho que não posso demorar muito mais. Tento fechar minhas pernas e minha mente está tão consumida e oprimida que me esqueço, *eu não posso.* Esqueço as restrições implacáveis segurando meus tornozelos afastados.

Meu corpo começa a se contorcer, a sua necessidade de saciar a dor queimando um nítido contraste com as emoções em conflito na minha psique. Meu foco está apenas no deslize lento de seus dedos e da pressão jogada contra meus nervos inesperadamente despertados. A retirada tortuosa de couro não molhado o suficiente puxa suavemente a mais tenra da carne, causando uma sensação diferente, mas igualmente excitante.

Eu tento lutar contra isso.

Pelo menos digo a mim mesma que preciso.

Tento entender como isso é possível. Como um orgasmo pode me rasgar agora de novo, quando o medo ainda mantém o fôlego em cativeiro.

*Eu nunca deveria ter aceitado a bebida, nunca olhado para reconhecê-lo com um gesto sutil da minha cabeça.*

Meu corpo vibra como a onda de calor ardente através de mim, com as terminações nervosas reféns e sobrecarregadas em todos os pensamentos.

*Eu não deveria ter olhado para cima.*

Não.

*Eu deveria ter deixado sua proposta em silêncio no esquecimento.*

*A questão é, por que estou feliz que eu fiz?*

# *Capítulo Dois*

*Ontem à noite*

A cunha da minha sandália cai nas frestas das pedras me fazendo tropeçar. Rio em voz alta o quão ridículo eu pareço para os clientes do pequeno bar bistrô quando dou a volta. Solitária, mulher

patética ficando bêbada durante as férias sozinha. Usando algumas bebidas para aliviar a dor de ser escolhida a segunda melhor para o trabalho mais uma vez. Dou de ombros longe dos verdadeiros, mas indesejáveis pensamentos como uma pontada aguda de raiva me batendo por que... eles estão certos.

Triste é que, se Anderson estivesse aqui, eu provavelmente me sentiria ainda mais sozinha do que agora. Teríamos sentado no bar e ficado tontos sem dizer muito um ao outro, tanto de nossas mentes sobre as inúmeras coisas que precisávamos fazer quando voltássemos para casa. Teríamos pensado sobre coisas que poderiam esperar mais alguns dias, em vez de se concentrar em toda a razão que levou a esta viagem: para se reconectar, priorizar, comprometer. Então eu teria estado de mau humor no silêncio que já me acostumei a pensar de que-poderia-ser-bom e quando exatamente paramos de nos comunicar. Eventualmente, ele teria me perguntado o que estava errado, para que eu respondesse generalizado, e meu prazo de escolha como o tarde, *tudo bem.* Ele teria olhado para o meu pulso para ver se eu brincava com a pulseira que uso e nunca tiro de maneira infalível para saber que eu estaria blefando. Em seguida, dependendo se eu estivesse ou não, um argumento teria seguido onde estaria para iluminar alguns ou teríamos voltado para o quarto de hotel onde faríamos um pouco de sexo abaixo do esperado.

O *mesmo* sexo que fazemos nos últimos dez dos nossos 15 anos juntos.

Sem criatividade.

Rotina.

Previsível.

E porque teria bebido meu corpo não seria capaz de concentrar na tarefa em mãos de um orgasmo. O alinhamento milagroso de estrelas que devem ocorrer para alcançar minha libertação teria sido inatingível. Eu acabaria ficando lá e gemendo em todos os momentos certos com seu hálito de álcool misturado ofegante na minha cara. Estaria bêbada, menos de fazer amor prazeroso, e tempos de voltar quando não podíamos esperar para violentar um ao outro. Às vezes usamos para empurrar os limites que foram considerados tabus para a filha deste pregador, e como ele desenhou essa garota sexualmente modesta de sua bolha e se atreveu a tentar coisas novas.

Eu cheirava uma risada. Como os tempos mudaram e os papéis se inverteram. Eu daria qualquer coisa para tentar algo novo, empurrar os limites, explorar a sexualidade. Eu já encontrei e aceitei com a idade. Abri-me a novas experiências, novos brinquedos, e redefinir novos limites.

Porque todos pecam e desistem estão na glória de Deus; sendo justificados gratuitamente pela sua graça, pela redenção que há em Jesus Cristo. Ao qual Deus recomendou para propor pela fé no seu

sangue, para demonstrar a sua justiça pela remissão dos pecados cometidos, sob a paciência de Deus; para demonstração da justiça neste tempo presente, para que ele seja justo e justificado daquele que tem fé em Jesus. É triste que eu vá me dar um clímax mais forte usando os dedos esta noite do que se Anderson estivesse aqui. Tudo o que tenho a fazer é pensar em coisas que eu quero tentar, imaginá-lo fazendo em mim, e gozar não é um problema. O problema é que não posso passar o resto da minha vida derivando da satisfação de pensamentos sozinhos, mas cada vez que tento trazer para apimentar a nossa vida sexual, ele fecha o tópico instantaneamente. — *Não temos mais vinte anos, nossa vida sexual é grande, por que mudar as coisas?* — o padrão de resposta.

Será que ele não vê o quão infeliz estou? Como eu preciso de mais sexualmente? Minha mente se desloca para a nossa última conversa sobre o tema. O que aconteceu alguns meses atrás, quando ele encontrou a caixa de brinquedos que escondi no fundo do meu armário, os itens que eu secretamente comprei e mantive com a esperança de um dia, mostrando e pedindo para usar em mim. Lembro-me de como ele se aproximou da tampa e olhou para mim, as sobrancelhas franzidas e a careta de desgosto em seus lábios. Sua descrença decorrente do fato de que comprei tudo isso sem consultá-lo. Eu ainda posso ouvir a recusa em seus lábios, a desconexão em seu tom acreditando que eu não acho que ele não é o suficiente para mim mais, quando não é esse o caso.

Minha insatisfação não tem nada a ver com ele não ser suficiente, e tudo a ver comigo entrar em mim própria. Sendo uma mulher que atingiu seu auge sexual e, finalmente, depois de dez anos tem a confiança e segurança para pedir o que quer.

Nada louco, apenas... *mais:* restrições, dominação, sexo anal, adicionando um pouco de dor para aumentar o prazer. Alguma coisa. Qualquer coisa. Uma lenta dor no meu baixo ventre passa quando imagino como eu gozaria duro se Anderson usasse qualquer combinação deles em mim.

Deus, sou patética, mas... não é pedir demais, *não é?*

Rio de novo, o som oco do que parece mais patético do que alegre quando penso, se estou perdendo, falando comigo mesma sobre o sexo experimental empurrando meus limites que nunca vou ter com Anderson.

— Sim, você está perdendo tudo certo, Lil — Minha voz insulta e soa estranha quando atinge meus ouvidos. Concentro-me em colocar a minha mão ao longo da parede ao meu lado para o apoio, porque de repente me sinto mais bêbada do que eu deveria. E me pergunto como é triste que tudo parecesse muito mais fácil com ele sendo chamado pelo trabalho.

As memórias passam através de minha mente de nossos primeiros cinco anos juntos. Nós costumávamos sermos divertidos, aventureiros, imaginativos. Nós certificávamos de nenhuma superfície foi deixada sem batizar e orgasmos eram mútuos. Sorrio tristemente, pensando quando eu costumava dar boquetes espontâneos, enquanto ele nos levava para casa ou como sua mão vagava por baixo da minha saia em um restaurante e testava se eu estava molhada o suficiente. E se eu não estivesse ele desertaria e sentaria ali, pegaria a refeição, os dedos preguiçosamente brincando entre a junção das minhas coxas.

Paro por um momento e seguro a mão no meu estômago quando ele rosna, descubro que eu me esqueci de jantar. Deve ser por isso que estou tão tonta apenas com algumas bebidas. E, então, eu me lembro da caixa de morangos cobertos de chocolate que o carregador entregou ao meu quarto quando eu estava saindo. Quando pego a caixa com o cartão fechado, porque eu sabia que o presente era a maneira de Anderson suavizar o golpe de sua ausência. Seu dom retrocesso habitual para me lembrar desses tempos antigos, despreocupados de nossa vida, já que não podemos parecer ter qualquer vida nossa nestes dias. Sua maneira de dizer segure, as coisas vão melhorar em breve.

*Mas como elas podem ficar melhor se ele não vai deixar explicar como podemos corrigir?*

Balancei minha cabeça em lembrança desta noite: a noite que nós comemos morangos cobertos de chocolate e bebemos champanhe. Os nossos tempos de faculdade, quando estávamos sem dinheiro para o espetáculo a exposição de arte de sua irmã antes de escapar e ter relações sexuais no telhado do local. Nós tínhamos fodido de qualquer jeito, as mãos sobre a boca do outro enquanto tentávamos ficar quieta, a emoção de sermos apanhados uma descarga de adrenalina toda em si.

Quando vi os morangos eu não me lembrei do que era, mas fui forçada ver o que já não era. Como a vida passou. Crianças. Promoções corporativas e empregos estressantes. O tempo nunca ocioso e exaustão sendo a nova norma.

As lágrimas queimaram seu caminho até o fundo da minha garganta e arderam meus olhos enquanto meu polegar atingia mais e esfregava o meu anel de casamento. Eu o amo. Eu realmente acho isso. Ele tem sido meu desde o nosso último ano no colégio. Ele é um pai incrível para os nossos meninos, um trabalhador, e me trata incrivelmente, mas às vezes me pergunto se isso é tudo o que existe realmente para nós.

Nós caímos em um barranco. A vida ficou no caminho. Minou a paixão e a imprudência. E esta viagem foi a nossa maneira de nos reconectarmos, a nossa maneira de reavivar tudo o que já sentimos e encontramos o *nós* que sabemos estar lá, mas foi extinto pela rotina diária.

Suspiro, me sentindo triste quando percebo que eu sinto falta dele. Que eu ainda sinto falta sem surpresas, sempre no sexo com posição de missionário. O tempo do colchão duas vezes por semana programado que nada rivaliza com o espontâneo, empurrando contra a porta, rasgando suas roupas, a porra do carnal dentro das páginas dos meus livros. Deus, o que eu daria por Anderson me curvar, puxar meu cabelo para trás, e me fazer tomar o que ele me dá.

Suspiro. Devo estar realmente bêbada. Eu nunca iria admitir isso para mim de outra forma, porque uma vez que você admite verdades, você tem que enfrentá-las. E, neste momento, a única coisa que eu quero enfrentar certo piloto de corrida alfa quente no meu Kindle. Um exemplo estereotipado do livro de namorados que Anderson agora brinca comigo, me diz que prefiro dormir com eles a ele.

A realidade é que *ele está certo.* Os caracteres das páginas não caem na rotina ou ter relações sexuais que é sem brilho. Eles são ardentes e apaixonados e tão fáceis de perder...

— *Aqui vou eu,* — murmuro, ou talvez eu ache, não tenho certeza, mas sei que eu rio no duplo sentido. E então eu tenho que parar um segundo para combater uma onda de tontura. Começo a andar novamente, mas minha cabeça está tão confusa que eu não consigo me concentrar em outra coisa senão o som dos meus passos descoordenados ecoando os paralelepípedos.

Chego a uma pequena fila de becos, um dos quais leva a meu hotel, mas estou tendo dificuldade para me concentrar sobre eles o tempo suficiente para decidir qual tomar. Outra onda de vertigem me assalta, e pressiono ambas as mãos contra a parede para me equilibrar. Deixo cair a minha cabeça para baixo e tento respirar enquanto a escuridão se infiltra nas bordas da minha visão.

— *Belíssima?* — O profundo timbre da voz acentuada me assusta. Tento processar a palavra, lutar para me concentrar em por que o meu cérebro diz a minha cabeça para virar e olhar para ele, mas meus músculos não reagem. Ouço alguns sons incoerentes e não posso compreender por que eles soam como se viessem de mim.

Estou desorientada, mas eu definitivamente sinto as mãos que deslizam em volta da minha cintura, sei que estou sendo puxada de volta contra o aço sólido de um homem. Não há nada no meu corpo o suficiente para que me diga para lutar contra a sua espera em funcionamento. Meu cérebro lento tenta processar resistência, mas sem sucesso apaga os incêndios. Peppermint misturada com uma colônia de terra infiltra meu nariz, cicatrizes de meus sentidos.

Eu não posso fazer sentido de qualquer coisa, exceto a hortelã-pimenta-do cheiro da minha infância. De calor e casa e dispara na lareira durante os feriados.

E, em seguida, ele fala novamente.

Os bastões doces e a ideia de conforto desaparecem.

*Suas palavras simples mudam o meu mundo para sempre.*

— Ninguém assumiu você ainda, não? — diz ele, fazendo uma pausa, como uma mão cobrindo a boca para evitar o grito que eu digo a mim mesmo para emitir, mas nunca realmente aparece. — *Bene*[2]. Você é minha, então.

Um arrepio de terror ricocheteia através e toma posse de todos os meus nervos. Ela permeia através da névoa miasmática fechando em minha consciência, mas é tarde demais.

Escuridão ganha à batalha.

Consome-me.

Meu mundo se esvai.

## *Capítulo Três*

Ouço a minha respiração em primeiro lugar.

Não a batida do meu coração.

Apenas o irregular gaguejar grosso quando respiro e, em seguida, a incerteza em como eu exalo.

Meu coração está tranquilo. Congelado de medo. Silenciado pelo desconhecido.

Estou me concentrando, me esforçando para não me mover, fingir estar dormindo para que quem fizesse isso comigo ache que ainda estou. Estou tão focada em não me mover que por um momento que não registro a pressão sobre os meus olhos, não percebo que estou com os olhos vendados.

Meus pensamentos se dispersam.

O único que posso lembrar é sobre a bebida no bar. Um homem de olhos castanhos comprando para mim. Então desmaio no beco. Agora parecendo completamente diferente do que uma ressaca. A incapacidade de pensar, de compreender pensamentos completos diz que minha mente foi alterada. Que eu estava drogada. Minha cabeça ainda está em uma névoa de produtos químicos, mas

[2] Bem.

reconhece uma coisa e uma coisa só de medo. Vazio, em pânico gritos ricocheteiam em torno do meu cérebro, mas não podem escapar, não podem manifestar em um grito.

A cama embaixo de mim é luxuosamente confortável. O pensamento traz flashes na minha cabeça, e me esforço para compreender por que, no meio das minhas emoções caóticas minha mente capta a pensar sobre isso, para se concentrar no presente. Mas eu me apego ao pensamento, agarro a algo tangível para me fixar em vez do desconhecido que me rodeia.

Minha boca está seca e minha mandíbula parece ferida, cansada. Luto e rompo o nevoeiro momentaneamente, então freneticamente mergulho de volta quando os pensamentos se conectam, as sinapses, e realização atingem. Algo está alojado entre os dentes da frente. Estou amarrada e amordaçada. O medo se mistura com a ansiedade quando a minha mente surge da neblina. Movo imediatamente as minhas mãos para removê-las e percebo que não posso. Meus braços estão estendidos ao meu lado e contidos em meus pulsos, assim como minhas pernas.

Uma cepa suave sobre eles a partir de uma espera implacável.

Meu coração derrete apenas para ser ultrapassado por uma nova sensação.

*Terror.*

Pânico irrestrito começa a reinar. Tremores destroem meu corpo atacando minhas pernas quando eu começo a lutar, o medo me possui, a necessidade de escapar me oprimindo. Tento gritar por ajuda, mas tudo o que sai é um som abafado, quando jogo minha cabeça para trás e para frente. Eu me viro e contorço meu corpo, minha cabeça ainda grogue, mas meu corpo em estado de alerta, consumido com o desconhecido e as trevas sem fim que vejo. Eu me esforço para respirar, para pensar, mas tudo que posso focar é que fui sequestrada. Que vou ser estuprada, morta, e quem sabe o que diabos os outros, mas assisto televisão e vejo crimes suficiente verdadeiros mostra o que acontece com as mulheres em situações como esta.

Luto novamente, puxando contra as restrições com todas as minhas forças. Os únicos resultados que eu tenho para mostrar os meus esforços são dores nas articulações e músculos gritando tão alto quanto o desespero em minha alma.

Nada dá.

Nada dá exceto para os meus primeiros fios de esperança.

Uma lágrima vaza. Aguardo a sensação de que correr pelo meu rosto, mas isso não acontece porque ela é absorvida imediatamente pelo pano cobrindo meus olhos. Tento engolir e a mordaça produz bile que quer escapar, assim quando eu faço. Eu tento me acalmar, fugir do medo de

entorpecimento mental que toma conta, mas não posso. Não só fui levada e mantida contra a minha vontade, mas por isso tem o meu sentido mais importante: a minha visão.

Ninguém sabe que estou aqui, onde aqui é. Nem uma única alma.

*Oh merda!*

Ela atinge a direciona a situação e bate em mim de frente.

Fluir as lágrimas incontrolavelmente agora, meu corpo dissonante do vigor de meus soluços. Desesperança em conjuntos momentaneamente. E, então, fico chateada. Chateada comigo mesmo por desistir quando nada aconteceu ainda. Tento me acalmar, tentativa de dizer a mim mesma há uma explicação racional para tudo isso. Que tudo isso é um engano, um equívoco.

E então a histeria borbulha e seu riso pega na minha garganta enquanto percebo como mudo que parece. Um mal-entendido? Minha risada cessa imediatamente, minha mente incapaz de escolher uma coisa e se concentrar nele.

E então eu faço.

*Os meninos.*

Oh Deus. *Os meus rapazes.* Será que vou vê-los novamente? Será que vou ouvir seus risos e sentir o cheiro de sujeira contra a sua pele após um jogo de T-ball? Ouvir no ventre profundo sua risada? Sentir suas mãos gorduchas no meu rosto quando eles dizem que me amam?

Minha respiração vem mais rápido. Dura, forte chamando ar quando tento empurrar o puro pânico para baixo, para tentar bloqueá-lo para que eu não chame essas belas almas pequenas no abismo da escuridão que estou.

Desespero é ultrapassado por determinação e a vontade de lutar para sobreviver, o que é que vai acontecer comigo, montando a arma direita junto com ele. Rindo da minha luta contra as minhas limitações, os lençóis frescos na cama embaixo de mim crescendo quente com meu desafio. Nada de mover. Absolutamente nada. Minha cabeça dói e estômago agita. Derrota cai sobre mim enquanto tento me acalmar, reunir meu juízo, e descobrir o que fazer a seguir.

*E então eu ouço um som.*

O rangido do assoalho, como se alguém estivesse deslocando seu peso e congelo; minha respiração, meu coração, meu corpo para, mas a minha mente corre.

O piso alerta de movimento novo, e forço um gole na minha garganta. O medo ainda está lá correndo solto, mas é a antecipação, agora que me mata. A necessidade de saber quem está lá, o que

está fazendo, o que ele está pensando em fazer comigo. Tantos cenários piscam e flash e nenhum deles são bem vindos.

Recuei violentamente quando eu sinto o calor de sua respiração no meu rosto e sinto o cheiro da hortelã-pimenta novamente. Ele está perto, a centímetros e minha pele irrompe em arrepios, o frio que vem de dentro. Esforço-me para ouvir e sem a minha visão que eu não tenho nada a confiar em nós, faz com que cada um dos meus sentidos sejam amplificados. E é esta hipersensibilidade que me permite sentir a raça de calafrios em toda a minha carne, que me permite perceber o que eu não podia antes, em meu pânico induzido pelo medo.

Estou nua.

Completamente nua, exceto por minha venda, a minha mordaça, e minhas limitações.

Tento segurar o soluço quando a respiração continua a aquecer meu rosto, e tento obter uma alça sobre o terror, mas falho miseravelmente. Soluço quando acho que mais uma vez estou prestes a ser estuprada. Estuprada e não sei mais o quê. Então o quê? Os meus filhos. Anderson. Ai, meu Deus. Ai, meu Deus.

Se controle, Lilly. Fique junto. Digo a mim mesma mais e mais quando minha venda está tão úmida, com lágrimas o tecido começa a chorar em si. Concentro-me no cheiro de menta, tentando puxar para cima as memórias reconfortantes das profundezas da minha mente. As lembranças de um carretel infinito de imagens para me perder.

Suspiro e fico paralisada, minhas memórias cruelmente roubadas afastadas quando um dedo arrasta sobre minha clavícula. Move-se propositadamente de uma extremidade para a outra e, em seguida, lentamente, tortuosa de volta para o seu ponto de partida. Ele não emite nenhum som, nenhum outro movimento, apenas a ponta do dedo pressionado a minha pele por tudo e os que travam em meus ouvidos é minha respiração estremecendo misturando com o meu pulso.

O tempo passa. Segundos? Minutos? Tenho certeza, porque parece como uma eternidade sentada neste estado suspenso do desconhecido.

Ele suspira na sala e trava lá como uma mão a espera para me sufocar.

— *Belíssima, vuoi essere il mio amante*[3]*?* —Sua voz murmurou atinge meus ouvidos, uma decepção para os meus sentidos, porque mesmo que eu não entenda, sei que é sexual o conteúdo. Sei que sua voz parece sedutora, mas é o que ele vai fazer comigo e qualquer parte do meu corpo que reage.

[3] Belíssima, você quer ser minha amante?

— Não tenha medo, bella doce. Eu não vou machucá-la. — Ele ri, rico e divertido, e estou confusa, tentando atrair para mim mesma e para longe dele, porque sei que rir é um ardil para confiar nele. Para não brigar com ele quando tenho certeza que ele vai violar meu corpo. Manchar minha mente. Roubar minha alma. Sua risada para quando eu choramingo.

—Você acha que eu mentiria? Você acha que quero machucar esse belo corpo? — Sua voz é mais firme agora com um toque de raiva, resultado da minha descrença. A cama muda quando ele levanta, e atrás de minha venda meus olhos se movem como se eu estivesse assistindo. Meu ouvidos tensos para rastrear qual direção ele está indo. —Este corpo é meu. *Seu corpo é meu.* Eu não feriria o que é meu.

Começo a tremer de novo. Meus dedos enrolam e depois relaxa, o único movimento que voluntariamente fazem sob seu escrutínio tranquilo eu não posso ver, mas posso sentir. Processamento de suas palavras é muito pouco, tudo demais, porque tudo que posso focar é que estou agora à mercê deste homem.

Sua escrava.

Seu próximo capricho.

—Eu vou dar ao seu corpo prazer ter o prazer que você me dá de bom grado...

Como diabos vou dar alguma coisa de mim. —*Foda-se.* — O som distorcido sai da minha boca antes que eu possa pensar, e percebo o meu erro um segundo tarde demais.

Os picos de luz trazem dor em meu peito direito, pica fazendo meus mamilos endurecerem instantaneamente. Minha respiração engata e eu arco minhas costas em reflexo às picadas em minha carne, minha única reação para combater a dor inesperada.

E começo debatendo minha cabeça de um lado para outro quando a contradição de suas palavras e ações me bate. Ele não vai me machucar? Então o que diabos foram isso? Meu corpo vibra com antecipação trepidando porque o silêncio está me matando. Eu quero que ele fale novamente. Se ele fala, então talvez eu não fique obsessivamente focada no silêncio, no rangendo no chão, esperando pelo próximo golpe para atacar.

Suas mãos prensam no meu pescoço, cobrindo a totalidade do mesmo, e as forças de meu queixo para cima. Minha mente revira. Meu corpo congela. Sua abordagem não detectada reafirma minha vulnerabilidade incontestada. O silêncio grita entre nós, a nossa única ligação é a mão pressionada contra a minha garganta. Meus lábios chocam distante quando sinto o calor de sua

respiração no meu rosto. E ainda assim ele não se move, não fala, apenas permanece lá, lembrando-me de sua presença constante.

Uma desconhecida quantidade de tempo passa. Quando ele finalmente fala, existe uma mordida não provocada em seu tom. —Não fodendo a questão. Não fale de volta. Entendeu? — Não consigo encontrar a minha voz para responder, porque estou focando tão duro tentando encontrar o fôlego que ele roubou de mim. —Isso é compreendido? — Aceno com a cabeça da melhor forma que puder, com a mão ainda pressionada lá. —Vou fodê-la como eu achar melhor. Vou usá-la, sou seu dono, fazê-la minha. — Sinto sua língua deslizar para baixo da linha da minha mandíbula para o lóbulo da minha orelha, e luto contra o tremor de repulsa dos tumultos dentro de mim. Seu lábio escova contra a minha pele. — E quando eu tomar tudo o que quero de você, vou deixar você ir.

Minha cabeça assusta em suas últimas palavras. — O que? —A palavra cai de minha boca, mas tudo que ouço é uma bagunça incoerente de som. Ele vai me deixar ir? A questão é em que condição vai estar quando ele fizer isso comigo? Isso não importa. *Eu posso fazer isso.* Eu posso sobreviver a isso, qualquer coisa, se isso significar que tenho que ir para casa para meus meninos.

Meu momento de alegria cético é interrompido quando seu dedo começa a descida lenta ao longo de minha clavícula. Desta vez, ele para quando bate minha linha média e começa a se mover para baixo entre os meus seios. Meu corpo treme ao sentir o cabo grosso da minha pele contra seu dedo, e percebo que ele está usando luvas. Luvas de couro, eu acho. O material puxa minha pele, um contraste estranho à natureza delicada do toque causando calafrios para dançar e inquietação de possuir todas as minhas fibras.

Ele para, para baixo no meu abdômen, e, embora ele deixe o seu dedo lá, o toque transmiti seus movimentos metódicos. Freneticamente controlo os sons quando ele anda em torno do perímetro da minha cama, a minha prisão. Meu peito esvazia e meu corpo congela, o medo de disparar de novo, apesar de suas palavras prometendo alívio. Eu sinto o mergulho da cama perto do fim por meus pés e a antecipação do que vai acontecer é quase tão entorpecente quanto o medo de que agora é uma constante.

Seu dedo nunca se move, mas posso senti-lo tremer, o balanço da cama, quando ele ajusta seu posicionamento, e isso é ridículo, porque não posso vê-lo, mas juro que posso sentir seus olhos raspando sobre cada centímetro meu. Observando. Avaliando.

Forço passar sobre o medo que me sufoca e mentalmente me preparo para o que está por vir. A dor, a brutalidade, a perda do meu consentimento. Tento controlar meu tremor, porque tenho que

assumir que o gosto da luta é ativado por ele assim, se eu não der para ele, este vai ser mais que muito mais rápido? Será que ele vai me descartar e passar para alguém que dá o que ele quer? Porque vamos enfrentar, só fode doentes na merda assim, e se eu não der para ele, ele não vai querer alguém que o fará?

Eu adultero um grito no inesperado, meu corpo e mente choca para o presente, quando o calor úmido de sua língua traça a costura entre as minhas coxas. Tento tirar meus pensamentos em linha, mas sua ação não prevista confunde-me tempo suficiente para que eu não pense mesmo em lutar com ele. E porque meu corpo ainda está com meus sentidos em sintonia, posso sentir a maciez de sua língua, a, trilha de indução de calor lânguido que queime até o meu clitóris, circulando sobre ele não apenas uma, mas duas vezes, antes de correr de volta para baixo e habilmente separar minhas pregas até a minha abertura.

Minha respiração está baixia, meus dentes mordem a mordaça, e tento compreender, avaliar, entrar em acordo com o que estou sentindo. Como posso ter medo e ainda assim queimar lento desabrochando na dor no meu ventre mais baixo. Digo a mim mesmo que sou louca, que minha mente está jogando jogos comigo, meu subconsciente desligando para que eu possa compartimentar tudo, mas sei que eu estou brincando comigo mesmo. Não posso nem concentrar o tempo suficiente para vender minhas próprias mentiras, porque isso é impossível de ignorar, impossível negar o calor traidor que se espalha através de meu núcleo e ferve lá. Em meio à névoa de desejo que me assalta, meu raciocínio tenta o último esforço de mais uma tentativa e um. Deve ser os efeitos depois de quaisquer medicamentos que ele me deu, porque não há nenhuma maneira no inferno que eu deveria mesmo ser ativada remotamente pelo seu toque em minha pele, sua língua se aprofundando em mim.

Eu não deveria.

*Mas estou.*

Ajusto meus quadris, digo a mim mesma que não é real, mas a dor não se dissipa com o movimento. E em resposta ao meu contorcendo, com o dedo deixando minha pele pela primeira vez, mas estando de volta imediatamente, desta vez em um lugar diferente. Mãos aderem minhas coxas e a deixam imóveis. Ainda estou ofegante no ar a partir da súbita espera, ele faz hematomas nas minhas pernas quando sua língua mergulha em mim.

Meu grito é involuntário. O fanfarrão dos meus quadris e arqueio as minhas costas, em resposta nem mesmo é um pensamento coerente, mas sim um reflexo. Luto para ignorar o calor bem-

aventurado entre as minhas coxas, racionalizando que é reação natural do meu corpo, que não vou sucumbir a sua persuasão de prazer.

Prazer que é indesejável.

*Prazer que ainda é prazer.*

Sua língua desliza, me molhando, me abrindo, me manipulando. Meus nervos andam de montanha-russa desleal quando ele mergulha, círculos ao redor, e, em seguida, retira para deslizar para cima, circulando meu clitóris, chupando, acendendo-o, antes de se mudar de volta para baixo e lambendo de volta para mim.

O primeiro gemido que cai da minha boca me assusta. Minha lógica tenta validar por que o meu corpo reage dessa forma quando eu deveria estar bloqueada como um vício... mas não posso me concentrar em nada, porque a língua só continua em movimento: para cima, para baixo, dentro, fora, ao redor e ao redor. Um assalto tentador que deixa a minha cabeça girando e meu corpo cantarolando.

Meus músculos se contraem quando os dedos cavam mais fundo e sua língua lava com mais fervor. Posso ouvir sua respiração ofegante. Ele interrompe o silêncio do quarto, mas o outro som que ouço é ainda mais preocupante: os meus próprios gemidos abafados quando tento lutar contra a sensação de inchaço passando através de mim. Lapsos de tempo espalham o calor, nervos inflamados, e depois meu corpo detona, estilhaçando em milhões de pedaços de prazer.

Eu não tenho escolha a não ser sucumbir à onda que atinge e, em seguida, me afogar momentaneamente. Não posso fechar as minhas pernas ou relaxar o meu corpo como eu normalmente faria, então, por algum motivo a exposição faz meu orgasmo parecem mais intenso, mais explosivo.

Mais traumático, emocionalmente e fisicamente.

Suas mãos seguram meus músculos ainda espasmos contra seus dedos, quando possessivos, seus lábios imprensam contra a minha coxa. Eles curva em um sorriso contra a minha carne sensibilizada como um amante estaria familiarizado, e a contradição bate a ternura exibida em uma situação tão contrária, que o torna muito mais difícil de processar o que aconteceu. O que eu acabei sucumbindo ao prazer derivado.

Ai, meu Deus. *Ai, meu Deus.*

O que há de errado comigo? Como posso encontrar prazer neste homem que está me segurando contra a minha vontade? Que tipo de doente, essa pessoa fodida sou eu? Como posso nem de longe estar ligada?

A bile sobe. Tento lutar contra isso, tento engolir para baixo. Minha cabeça se torna luz e minha respiração superficial quando meu corpo torna-se carente de ar que ele precisa. Começo engasgar, tosse violenta, tentando me revoltar contra o objeto na minha boca. Não consigo desalojá-lo. Eu puxo contra minhas restrições, meu corpo brincando enquanto procuro a minha próxima respiração.

Em um instante suas mãos estão em minha cabeça. Eu sinto puxar e manipular alguma coisa. Eu me concentro na hortelã-pimenta, novamente, usando-a para me acalmar, mas com um ataque relâmpago de sensações e emoções me batendo, minha conexão com o cheiro está perdendo sua eficácia. Minha cabeça confunde enquanto sua boca escova contra a minha orelha. —*Bella, Bella, Bella,* — ele acalma com o profundo timbre de sua voz. —*Bella mia calmare la*[4]. Respire devagar, — ele ordena e sinto seu corpo contra o meu, suas mãos nos cantos da minha boca. —Acalme-se.

Pânico continua seu domínio sufocante na minha realidade, e eu balanço a cabeça para trás e tentando enfiar a mordaça da minha boca com a língua. Ele segura minha mandíbula firme, seu hálito quente contra o meu cabelo. —Não grite. Tirarei isso, mas se você gritar, eu vou colocar um maior e então não há como dizer o quanto o ar que você vai ter com o seu próximo ataque de pânico. *Capisci?* Entendido?

Minha respiração chocalha na minha garganta enquanto eu tento engolir ar e ainda não consigo fazer. Meus pensamentos elevam das profundezas do desespero em que eles caíram momentaneamente à chance de gritar por socorro, mas esqueço quando minha consciência começa a desaparecer.

—Diga isso porra!

Sua voz enche a escuridão afiando minha mente, e eu tento acenar com a cabeça em resposta, mas seus dedos seguram meu queixo impedindo a ação. Eu sei que ele quer eu dizendo as palavras em voz alta, minha voz afirmando sua posição de controle.

— Sim. —Respondo.

A mordaça é removida imediatamente. Chupo o ar como um homem se afogando quebrando a superfície. Minha cabeça volta novamente, mas desta vez a partir do oxigênio voltando. Engasgo com o ar quando eu chupo, em ataques gananciosos. Minha mente parece como se pudesse pensar relativamente claramente, pela primeira vez desde que acordei neste pesadelo.

Ele se afasta para me dar um pouco de espaço, mas eu ainda posso sentir a sua presença. Gritando no topo dos meus pulmões é o meu primeiro pensamento, mas eu não consigo ver nada. Ele

[4] Minha bela calma.

está apontando uma arma para mim? Será que ele tem uma faca? Eu arriscaria uma chance desde que eu estou literalmente e figurativamente cega?

Tomo uma decisão consciente para não gritar. Para escolher aceitar. E parece estúpido, mas tudo o mais sobre esta situação está fora do meu controle para que eu agarre a uma opção que ele me dá.

Além disso, sou muito grata por respirar de novo que eu não quero correr o risco de ter a mordaça colocada de volta na minha boca. Ponho minha língua para fora para lamber meus lábios rachados e secos trabalhando minha mandíbula para trás, meus ouvidos estalando do movimento. —Por quê? —Eu coaxo a palavra para fora quebrado e grosso. É tudo que eu me permito dizer, medo de repercussões segurando o resto das minhas acusações de refém.

Sua risada é macia, mas posso ouvir o estrondo no peito e meus arrepios retornam. — Oh, minha linda Lilly, — diz ele fazendo com que o meu coração tenha trovões e meu mundo pare. Meu *nome* rola a língua acentuada como se estivesse transando com ele, e é uma estranha mistura de escárnio e o inesperado que passam através de mim.

Eu me lembro que estive inconsciente por algum tempo; ele teve tempo para mexer na minha bolsa e descobrir coisas sobre mim, como o meu nome. Mas isso significa que ele também viu fotos de Anderson, minha família, *meus meninos.*

E a vergonha imediatamente me bate. Meu marido conhece meu corpo melhor do que ninguém, assim como esta pessoa que acabou de conhecer e que está me segurando contra o minha vontade levar ao orgasmo tão rapidamente? Aperto meus olhos com força, toda a premissa difícil de engolir. Exalo um suspiro profundo quando eu cerro e descerro os punhos para a circulação, dando-me um momento para controlar a guerra civil de emoções violentas. Meu momento de paz, se você pode realmente chamá-lo assim, é de curta duração, porque ele começa a falar novamente.

—*Minha bella Lilly*... — o dedo pressiona para baixo na parte superior do meu pé direito e trilha um caminho lento até minha canela da mesma maneira que ele fez sobre a minha clavícula antes. É como se ele quisesse que cada parte do meu corpo consciente de sua presença, como se ele não estivesse aqui. —Porque às vezes uma pessoa sabe exatamente o que o outro pode precisar mesmo que nunca pronuncie as palavras. Seus olhos falam verdades que não fazem. Você é linda, não? Este corpo me seduz, me provoca... — ele continua a ascensão de seu dedo para cima da minha coxa em um ritmo letárgico — ... levanta a levá-la. E olha, — diz ele, como ele desliza suavemente a ponta do dedo entre

as minhas coxas. Tenciono imediatamente quando ele esfrega os dedos para cima e para trás com minha umidade antes da retirar, o ar frio da sala um grande contraste contra a minha carne aquecida.

Meu exalar assusta a mim quando a ponta do dedo esfrega em meu lábio inferior. —Quais são...

—Você me quer tão ruim, — diz ele em meu ouvido quando ele pinta meus lábios com minha própria excitação. —Você está encharcada, — ele murmura quando a cama mergulha ao meu lado, e tento mudar a minha cabeça a partir da demonstração de traição descarada do meu corpo. Ele segura meu queixo ainda, inclinando-se para que eu possa sentir sua respiração em meus lábios.

Minha mente dá voltas. Pensamentos, ameaças, orações combinadas em uma potente combinação de determinação.

—*Por que você?* — ele murmura. Sinto seu lábio escovar contra os meus, e eu contorço do toque.

*Chegue mais perto,* silenciosamente me atrevo a ele quando eu cerro os punhos. *Chegue mais perto e eu vou morder a língua, se você tentar me beijar, você filho da puta.*

—Ahhhh, — ele suspira, batendo um dedo contra minhas mãos enroladas. —O lutador em você retorna, não? Por que lutar contra o que, no fundo, você sabe que você quer? Duvido que o seu marido vá transar com você como eu vou. Duvido que ele tome o tempo para fazer a sua dor no corpo doer tanto.

Seu dedo desliza para baixo da coluna da minha garganta antes de apertar a mão lá. Meu pulso bate contra as pontas dos dedos, uma manifestação física das emoções tumultuas dentro de mim. Seu aperto aperta quando ele se inclina e usa sua língua para traçar o contorno dos meus lábios trêmulos. Quando ele termina, ele se afasta, mas ainda posso senti-lo ali, sua presença tão formidável que ele poderia muito bem estar me tocando.

—Será que ele sabe que você está ligada por estar em minha misericórdia? Como seu corpo implora para ser violado, dominado, fodido duro, usado em todos os meus caprichos? — Ele ri baixo e profundo. —Eu duvido que ele foderá cada centímetro do seu corpo, como vou.

Meus músculos tensos, sua ameaça causando minha respiração pegar na minha garganta, minha mente visitando lugares que não quero que ela vá. Imagens lampejam de necessidades e desejos nos tabus dos olhos de Anderson, e me castigo por ter sido ativada por palavras deste homem.

Por palavras do meu captor.

A raiva me enche e começa a consumir toda minha fibra, mas a parte mais confusa de tudo isso é que a raiva é dirigida. Não é para ele não, não é para mim. Porque por mais difícil que seja ouvir

as palavras e as verdades que eles causam, no final, ele está certo. Meu corpo treme com o reconhecimento, porque tanto quanto eu nego, isso é o que eu queria de Anderson.

Conversa suja

Provocação e dominação.

Curiosidade afiada com uma excitação nervosa quando empurramos limites.

Tento desligar minha mente, tento ignorar o meu corpo e recuperar a mulher reservada que sou, que costumava ser, porque o inferno se eu sei quem é esta mulher que quer este estranho para transar com ela quando ele é promissor e ganha apoiar uma onça de luta e determinação que preciso agora. Empurro os pensamentos indesejados para fora, tento limpar a minha cabeça e me leva um momento, mas acho que é. Pelo menos minhas palavras diz que eu fiz, a minha mente, por outro lado ainda é deixado para ser convencido.

—Vá para o inferno, — ralo por entre os dentes cerrados.

Isso ri de novo. Diversões misturadas com toques de superioridade através da sala. —*Bella*, pelo tempo que estarei com você, você estará me implorando para transar com você de novo. Você vai implorar para chupar o meu pau, para foder sua boca. Você anseia me agradar, anseia meu toque. Você vai chorar quando deixá-la ir de volta para sua vida cotidiana.

Suas palavras causaram uma intensa, dor insondável para desfraldar em meu núcleo. Sangue incha a carne macia lá, e apesar de eu ter esse homem na minha frente, segurando contra a minha vontade, a sensação mais estranha toma conta de mim. *Eu acredito que quando ele diz que não quer me machucar.* Eu não tenho nenhuma base para essa crença, apenas o meu instinto, mas em algum sentido fodido confio nele.

Agora, o que isso diz sobre mim?

Desvio meus pensamentos em outro lugar. Eu não tenho os meios para olhar mais de perto para mim, uma maneira infalível para foder a minha cabeça ainda mais. Mas tudo que posso pensar é que este homem me capturou. Ele me capturado e, em seguida, trouxe o prazer que lambe ao orgasmo. Ele nem sequer me penetrou ainda. Ele poderia ter empurrado em mim com total desrespeito à minha disposição ou meu prazer, como supus que teria acontecido, e saído.

Mas ele não o fez.

Ele não me usou e me jogou de lado como eu teria esperado. Tremo como os chutes de ar condicionado desligado, e me esforço para ouvir os sons da vida fora da sala. Um carro buzina ao longe, mas nem um único som no quarto. Meus pensamentos correm soltos novamente, a minha

atenção assim esquizofrênica que me congratula com a sua distração. Agarro a desordem, a confusão, para que eu possa perder o foco, perder, a fim de segurar a esperança.

E então a dor bate.

# *Capítulo Quatro*

A dor arde.

Fogo inflama contra minha carne.

Grito, meu corpo espalma, costas arqueando e mamilos apertando, como algo simples no lugar no peito após um ponto. Minha mente corre, um lampejo de coerência entre cada mordida de dor e se concentra exclusivamente em onde acho que o próximo local será.

Cera quente.

Minha pele arrepia, mas, em seguida, queima.

Gotejando.

—A dor pode trazer prazer, *mia bella*, — ele murmura quando outra gota cai, e eu assobio para combater a dor. —A dor pode fazer seus nervos sensíveis.

Gotejando.

—Pode fazer o seu corpo compensar de outras formas.

Gotejando.

Eu me esforço para me puxar à fixação hipnótica sobre onde ele vai cair em seguida. Quero gritar para ele parar. Quer perguntar como ele pode dizer não a dor e, em seguida, faz isso. Por que ele mentiu.

Minha mente finalmente forma as palavras, minha língua se prepara para dizer quando eles são batidas fora de meus lábios.

Sua boca se fecha sobre meu mamilo. O movimento a sensação de calor, molhado inesperado acrescentando tanto ao meu tormento, tem minhas costas curvando e um suspiro estrangulado caindo dos meus lábios. Relaxo um pouco, aliviada dos pingos de cera podendo estar em hiato na minha mente focada por tanto tempo sobre a dor que o prazer é inesperadamente elevado. O movimento de sua língua o contraste de chupar duro e, em seguida, lamber suavemente, linhas principais de uma corrente elétrica para o meu núcleo que eu não tenho um pingo de força para lutar.

E a diferença desta vez é que seu corpo está contra o meu, me pressionando na suavidade do colchão embaixo de nós. Os músculos tensos de seu abdômen esfregando entre a junção das minhas coxas quando ele se move para cima do meu corpo para que sua boca desse prazer a meu seio direito. Sua mão aperta o outro, dedos beliscando, manipulando e, em seguida, uma pressão de afiação em dor fecha em volta do meu mamilo.

Minha mente foi arrancada cruelmente da concentração em sua boca, minha respiração sibilante, minha cabeça inclinando como se eu fosse capaz de ver o que ele está fazendo. A picada é leve, mas combinada com a cera e sua boca, cada centímetro do meu corpo cantarola e passa em um estado de alerta. Seus dentes mordem e puxam de novo, antes que ele libere o meu botão apertado, e então sinto dor correspondente lá também.

Ele puxa justamente sobre o que liga os dois grampos de mamilo.

Minha respiração pega na minha garganta.

Gotejando.

Grito com a sensação inesperada quando eu pensei que tudo estava acabado.

Sua risada ecoa no quarto, cicatrizes fazem seu caminho em minha memória, assim como a cera bate em minha carne. Seu corpo eleva, minha própria flexibilização para cima do colchão, sem seu peso sobre mim. A cama balança e depois para.

E depois nada.

O silêncio atinge novamente, sufoca minha mente e aumenta o meu medo antecipatório. O assoalho anuncia seu movimento e algo faz barulho no chão

E eu espero.

O gelo frio atinge minha pele, engolindo em seco —ahhh— cair da minha boca.

—Silêncio, — ele comanda. E eu luto contra o impulso de suspirar quando ele esfrega o cubo de gelo em volta do meu mamilo. Endurece a ponto de dor e a sensação misturada com o aperto provoca uma onda enorme de excitação. Ele continua sua tortura tentadora dos cubos em torno de meus seios, até o oco da minha garganta e, em seguida, de volta para baixo.

Ele circunda o meu umbigo e depois deixa descansar no oco do meu umbigo. O frio do cubo ociosamente começa a queimar sutilmente, fazendo-me contorcer.

—Ah, *bella* Lilly,— ele murmura, e posso ouvir o sorriso me lembrando do meu olhar para o bar em sua voz. —Não se mova. Não deixe derramar água. Nem uma gota. A única outra coisa autorizada a estar molhada é sua boceta. — Seus dedos estão na minha abertura, espalhando meu sexo

à parte. Eu tenciono nos dedos invadindo a sensação em minhas partes mais íntimas e posso sentir a crescente gota de água caindo sobre meu estômago sobre o mergulho do meu umbigo e atropelando meu estômago.

—Ah, você está pingando para mim, não? Você gosta de fogo e gelo?

Meu corpo treme quando ele desliza dois dedos em mim e dobra antes de puxá-los para trás lentamente para fora. Meus olhos rolam para trás e um gemido vem de dentro quando continua seu ataque, mergulhando em mim e, em seguida, curvando-se para bater o meu ponto G perfeitamente em seu caminho para fora. Ele desenha sensações em mim que são tão intensas, tão poderosas, que não há nenhuma maneira que posso suprimi-las. Eu começo a me contorcer, começo a levantar meus quadris para ele, concedendo o acesso quando meu corpo implora para saciar a necessidade que ele criou.

—Se ela derramar, você vai ser punida, — avisa quando seus dedos retiram completamente fazendo, de repente, me sentido vazio e pendurada à beira de lançamento. —. Você vai me fazer voltar com a minha palavra para não machucá-la. — tsks. —Eu não gosto de ser forçado a quebrar promessas.

Minha mente registra sua advertência, mas meu corpo não poderia se importar menos, quando sinto algo empurrando em mim. A água no meu estômago, o conselho que ninguém deu não importa, porque tudo o que eu consigo me concentrar é a inserção lenta de algo gelado, centímetro por centímetro da grossura em mim. Calafrios passam sobre minha carne. Elas são tão graves que posso sentir o puxão da cera endurecida da minha pele quando ele começa a puxar lentamente o objeto congelado de volta para fora. Eu ângulo meus quadris, para tentar aliviar a extremidade da temperatura, quando o que está dentro de mim bate o ponto G macio por dentro. Começo puxando minhas pernas contra as minhas limitações. A intensidade da mistura fria contra a sensibilidade, é quase demais para suportar.

A sala se enche com o meu clamor e sua risada, uma justaposição ímpar de som de como meu corpo luta contra as sensações resultantes de suas maquinações. Suas passadas de mão, a varinha gelada permanece indesejável, mas a quero dentro, e o único som no quarto é a grossura de nossas respirações ofegantes.

—Você falhou— faz tsk, gelando o meu interior, assim quando o gelo faz meu exterior. —Agora, Lilly, você não foi uma menina muito boa. — É tudo o que ele diz, mas a decepção em sua voz faz com que uma mistura aleatória de emoções incham por dentro. O medo da punição, o desespero sobre a situação, auto aversão que eu estava tão em sintonia com o que ele estava fazendo comigo em outros lugares que esqueci o seu pedido singular.

Chupo uma respiração quando as mudanças da cama, sem saber o que sua definição de punição é desde que ele disse que não vai me machucar. Minha mente pisca freneticamente em sua neblina esquizofrênica, o silêncio ensurdecedor da sala apenas adicionando a minha inquietação. Tento não me contorcer no frio entre as minhas coxas, mas seja o que for, está derretendo de meu calor. A água gelada está vazando e escorrendo pelo meu períneo, pingando em cima da cama embaixo de mim.

—Tantas opções, — ele murmura em meu ouvido, sua repentina proximidade inesperada choca até o inferno. Prendo a respiração, ao mesmo tempo suas pernas contra minha bochecha. Seu escrutínio calmo me enerva, meus olhos lançando frente e para trás sob minha venda tentando sentir a sua próxima jogada.

Tentar prever o meu castigo.

Punição. Dor... Uma pequena emoção solavanca por mim antes de eu perceber com é gravemente perturbador. Meus músculos centrais apertam em torno do objeto que tento racionalizar da parte doente, demente de mim que é despertado por tudo isso. E não estou autorizada a terminar o castigo mental, porque o sinto passar por cima de meu torso. Eu caio imóvel quando suas coxas musculosas imprensam contra os lados da minha caixa torácica, o seu eixo repousa entre os meus seios, grosso e pesado.

Eu luto o desejo proibido que pulsa através de mim no sentimento e tentar me concentrar no que ele havia dito. Punição. Medo mistura com o desejo e faz com que os músculos se contraiam com tal vigor que empurro o gelo dentro de mim. Um dilúvio de água fria vem com ele, mas luto contra o suspiro, porque se ele está de frente para mim, então ele não sabe. E se não sabe, então isso significa que ele não pode exigir a minha penitência por isso também.

Mas por que eu quero que ele faça secretamente?

Seu hálito de menta está de volta nos meus lábios, sua ereção espremida entre os meus seios quando ele se inclina para frente. Meus mamilos endurecem, o inchaço aumenta a pressão entre as pinças. —O que eu não daria para fazer você tomar meu pau todo o caminho até o fundo da sua garganta. Sentir sua língua molhada no meu pau e chupar até me secar. — Saliva enche minha boca com as suas palavras, a minha língua se lançando para lamber meus lábios em reflexo. Sua risada ecoa de novo, e posso sentir seu escroto apertar e soltar com o seu som. —Ah, você quer isso, não? Bem, eu não tenho bastante confiança de que sua casca é pior do que sua mordida ainda, — diz ele, seguido de um puxão rápido sobre os grampos.

A liberação de pressão é repentina, mas depois vem uma picada lancinante com o retorno do fluxo sanguíneo. Seu peso no meu torso sufoca meu desejo imediato torcendo e girando como um meio de absorver a dor estranhamente prazerosa rasgando e manifestando em uma dor profunda em meu ventre. Eu lamento e puxo meus braços e pernas contra as restrições, tentando aliviar a sensação esmagadora de alguma forma, de alguma maneira.

—Você gosta disso, não? —ele sussurra, seu peso mudando assim sua boca mal passando contra a minha quando ele fala. —Você vê, eu preciso puni-la. — Ele traça a língua sobre o selo de meus lábios. —Eu preciso ter meu pau enterrado tão profundamente naquela linda boceta que quando eu puni-la, ela apertará a minha volta. Assim que você apertar e provocar e me puxar sobre a borda com você. — Sinto-me na cama transferindo a parte, seus quadris inclinando quando ele se inclina para trás e seus dedos entrando forte e rápido. Inesperado e invasor. O grito assustado é abafado em meus lábios. —Eu vou ter. Sua vagina, seu orgasmo, e cada dor, respiração, e gemido no meio.

Seus dedos enfiam para dentro e fora momentaneamente. A sala se enche com a respiração ofegante, o som liso de carne molhada sendo manipulada, seus grunhidos suaves de esforço e os meus gemidos prazer como o atrito aquece minhas paredes congeladas. Um calor líquido começa a se espalhar pelo meu corpo. A combinação única de meus mamilos latejantes, o aroma inimitável de masculinidade quando seu pênis empurra mais perto do meu rosto, e ele leva o crédito me dedilhado fazendo o meu corpo aproveitar e preparar para o clímax que vai me rasgar.

Rezar vai me rasgar.

— Oh Deus, — Lamento a forma incoerente como o meu corpo flutua nesse estado suspenso antes da erupção de bem-aventurada. Minha cabeça angula para trás e os lábios caem frouxos, meu engate e a mente respirando gagueja sobre os pensamentos que tento para agarrar e deixar ir tudo de uma vez, porque sou uma mistura de contradições. Os tremores de sensação lentamente escalam em direção a um terremoto pleno explodido quando os dedos saem, e antes mesmo de eu ter a chance de responder, a grande crista de seu pênis é empurrada entre meus lábios entreabertos. Estou tão chocada de ser negada a libertação meu corpo anseia desesperadamente que não posso sequer reagir rápido o suficiente para negar seu grosso pau quando ele atinge o fundo da minha garganta e puxa para fora.

O som adulto gutural que ele emite apenas adiciona pressão ao orgasmo negado pesando entre as minhas coxas. Estou ligada, desesperada por gozar, e seu gosto almiscarado ultrapassa só acrescenta frenesi ao meu fogo. E tão rápido quando ele enche minha boca e sem querer minhas vias

aéreas, que se retira antes que eu possa racionalizar o que está fazendo ou onde meus dentes devem apertar.

Eu trago em um empate de ar quando ele muda da cama mais uma vez. Seu corpo deixa o meu, o passar do seu pau em meu mamilo é estranhamente excitante, e quero gritar para ele parar. Para voltar. Para me foder bem e duro, porque meus músculos doem e minha necessidade é inquietável.

Se me negar meu orgasmo é a sua punição, então santo inferno, vou querer mais cera.

Eu quero gritar com ele, insistir que acabe comigo, mas eu me pego antes que as palavras caem fora. Percebo que tal exigência estaria dando a ele exatamente o que ele quer, *exatamente o que eu quero*, mas sob seus termos. Ele tem o suficiente de uma mão superior em toda esta situação e preciso manter algo. Pra que? Eu tenho certeza, mas o pensamento me dá bom senso o suficiente para manter minha boca fechada, apesar da crescente dor.

Suas mãos em meu pulso direito me tiram do meu torpor de pensamentos. O crescente da dor é momentaneamente encharcado quando ele trabalha na minha moderação. Será que ele me libera? Minha mente processa cenários possíveis em um ritmo rápido quando prendo a respiração e não digo uma palavra tentando descobrir como jogar isso. Minhas juntas são aliviadas da tensão interminável da contenção momentaneamente antes de sua mão é como uma presilha em volta do meu pulso. Mesmo se eu quisesse tentar algo, minha força não seria páreo contra a sua.

—Nem pense nisso, — diz ele, o aviso silencioso de algum lugar ao meu lado quando ele força o meu braço sobre o meu corpo e para o oposto na cabeceira onde estava originalmente. Minhas mãos estão agora próximas uma da outra e as minhas pernas ainda afastadas na cama, quando ele começa a trabalhar no pulso oposto. E então percebo que ele está fazendo. Ele está me virando.

A emoção dispara através de mim, seguido de ansiedade, porque se eu me sentia vulnerável antes, sinto-me ainda mais agora quando ele termina. Ele afrouxa minhas restrições de alguma forma para que eu seja capaz de estar em minhas mãos e joelhos na cama. Nesta posição, posso sentir o ar fresco da sala contra a carne agora aquecida entre as minhas coxas. Meus seios penduram fortemente e o peso deles alongam contra meus mamilos inchados é como um choque ao meu núcleo. A venda continua, e ainda assim não posso deixar virar meus olhos contra a escuridão quando o assoalho range até o final da cama onde meu traseiro está em exibição.

Ele geme em satisfação e eu recuo quando a palma de sua mão alisa sempre muito gentil sobre a curva da minha bunda. — Ah, Lilly. Este traseiro é a perfeição. Eu quero ele rosa de sua punição. Eu o quero violado por meus dedos. Eu quero enchê-lo enquanto fodo longo e profundo com o

meu pau nessa boceta disposta. — Meu corpo treme e meu sexo umedece a partir de suas palavras, o medo e o desejo de uma combinação potente que é impossível negar, independentemente de como estou duramente tentando lutar contra isso.

No silêncio, o meu foco é apenas sobre o movimento suave de sua mão acariciando delicadamente sobre meus quadris, minha parte interna das coxas, por cima do meu sexo. Eu lamento a gentileza de seu toque quando ele continuamente me acariciar, não muito duro o suficiente para adicionar o atrito necessário para o meu clitóris, mas apenas o suficiente para ter o sangue jogando para a borda fina ser dolorosa.

O tapa em toda a minha bunda me pega de surpresa, ingenuamente enganada pela natureza gentil de sua carícia. Eu grito, costas arqueando, os seios se acotovelando, apertando a boceta quando o chicote traz pequenos pedaços de dor em minha carne nua. E quando estou tentando processar e absorver o repentino assalto avisado da punição, ele empurra para dentro de mim em um impulso liso. Minhas paredes fecham sob sua invasão, mas pegam o pau com tanta força que sua grande crista atinge todos os nervos em sintonia única para dentro. Desta vez, o som que cai dos meus lábios é um gemido estrangulado misturado com protesto.

Se eu pensei que ele me aqueceu a aceitar sua cintura, eu estava muito longe da realidade. Minha carne vulnerável protesta contra o trecho com uma queimadura intensa.

O prazer e a dor.

Eu não acho que nunca entendi muito bem a magnitude dessa frase até agora. Até que ele começa a se mover sua dura ereção como ferro dentro de mim, me enchendo, me esticando, levando sem pedir. E então, quando ele está enterrado até o punho, uma mão segurando a carne de meus quadris, o chicote me impressiona novamente. A diferença é neste momento em que o meu corpo fica tenso entre os minúsculos estilhaços de dor e quando minha boceta convulsiona em torno dele, ele puxa para fora de modo que sua cabeça larga arrasta contra minhas paredes apertadas. Faíscas de prazer inflamam de sua retirada inesperada.

— Oh Deus, — escorrega de meus lábios enquanto meu corpo recebe o contraste de sensações. E ele não para, mas sim mantém um ritmo diferente, seus quadris dando tapas contra o meu enquanto o chicote que parece como o couro com pontas arredondadas trilha lentamente sobre minhas costas. Ele remove e meu corpo se prepara para o flash rápido da dor, e às vezes ele cair de forma inteligente e outras vezes ele acaricia em um ardil suave, agradando a minha carne antecipatória abaixo.

Estou tão focada no chicote e no seu próximo movimento vai me trazer prazer ou dor que não percebo que meu corpo vibra à beira do meu próximo orgasmo. Minhas costas queimam com as pequenas lambidas que agrediram e os músculos dentro do meu núcleo de dor apertam com tanta força em torno da espessura de seu pênis. Minha cabeça cai para frente, com os braços cansados de que parecem como suas maquinações infindáveis, e minha mente está flutuando na pseudo realidade quando minhas coxas contraem e rodam atrás.

O orgasmo me atinge como um trem de carga descontrolado: duro, rápido e implacável. É tão poderoso tão tudo o que eu tento me afastar, para tentar pressionar os meus quadris para frente para aliviar a profundidade que ele penetrou, mas não posso. Ele agarra a carne no meu traseiro mais duro, me segurando enquanto ele ainda mói seus quadris contra minha bunda assim apenas a chance que perdeu os nervos do interior, ele está fazendo para ele e então para mim.

Mas eu não aguento mais. A força do orgasmo. O ataque impiedoso de sensações correndo no meu sistema. —Não. Pare. Não, — gaguejo em suspiros quebrados, querendo engatinhar para longe dele. Eu sou capaz de conseguir um joelho para frente, e ele desliza para fora antes de suas mãos estarem de volta em meus quadris me puxando de volta para ele. Meu grito só fica mais alto quando sua mão envolve meu cabelo e puxa minha cabeça para trás. Sua boca está no meu ouvido, fúria misturada com uma carnalidade crua que faz com que a minha postura para endurecer na defensiva.

—Você não me negue. Você pega o que eu dou, *bella*, e, agora, sou eu. Forte. Jejum, — ele exige, quando ele bate em mim por trás, até o fundo do poço da melhor maneira. Da pior maneira. Eu não posso processar o caminho, porque o meu próprio clímax continua no tremor suavemente através de mim, e o domínio de sua voz e de propriedade em seu toque rejeita a liberação Eu só descobri agora. *Até que eu paro*. Ele reforça sua ameaça, apertando seu aperto no meu cabelo quando ele continua seu ritmo de punição, nossos corpos conectam com um choque que reverbera por mim e, em seguida, de volta.

Eu começo a me contorcer novamente como tudo aumenta e atrai para o que parece como o precipício interminável de êxtase. Meu dedos apertam os lençóis, meus dedos enrolam, e a respiração vacila quando as faíscas de prazer por sua vez, em um incêndio passam e eu não posso escapar. Queimada e ferida pelas chamas do desejo, eu não tenho nenhuma opção a não ser sucumbir ao calor pulsando dentro de mim. Eu choramingo incoerentemente e balanço a cabeça para trás e para frente quando o meu corpo começa a entrar em colapso sob o peso do orgasmo. Meus braços dão a minha

cara recebe o lençol fresco pressionando contra minha bochecha quando ele mantém meu quadril posicionado a seu gosto.

Seu quadril está como um pistão continuamente por mais alguns momentos, e então ouço o homem que parece estar sempre no controle gemer um som gutural quando seu pênis solta espasmos dentro de mim. Meus ombros avançam no colchão enquanto ele tira o último de sua libertação. Meus olhos se fecham, a exaustão me ultrapassa para minha única compreensão que não seja a redução dos meus quadris, é o beijo que ele aperta no espaço logo acima da minha bunda. Uma ação estranhamente íntima que normalmente eu questiono, mas meu corpo cai e sucumbo à fadiga em meus membros.

Congratulo com a escuridão a venda proporciona e permiti bloquear o que sua exibição desconcertante de sensibilidade, diz.

## *Capítulo Cinco*

Posso ouvi-lo arrastando ao redor da sala. Minha cabeça está grogue e meu estômago é incerto, mas meu corpo é desossado, completamente e totalmente cansado. Esperei que ele me dissesse para levantar ou tirar, mas ele me deixou deitada. Minhas costas ainda queimam sutilmente do castigo que ele distribuiu, e o comprimento do meu sexo está inchado e sensível de seu uso contínuo. Minhas mãos estão doloridas de apertar e segurando os lençóis, minha mente exausta de tentar racionalizar tudo na minha cabeça. O contraste de sentimentos, a traição forçada da minha fidelidade, tudo me tem bem além de sobrecarga emocional.

Eu deixo fluir as lágrimas agora, permitindo a culpa me puxar para baixo quando eu tento descobrir como vou voltar a *ser eu* quando isso acabar. Porque, sem dúvida, eu sei que ele vai me deixar ir. Sei que ele está indo para ter tudo de mim e me descartar. Eu não tenho medo de que ele vá me brutalizar e deixar morta na beira da estrada em algum lugar, porque mesmo que ele acaba de colocar o meu corpo através do espremedor sexual, ele também fez isso com um respeito mal interpretado. Nunca indo longe demais ou passando por cima do que parece ser um limite pré-determinado.

E ele me beijou suavemente.

Minha cabeça gira.

O carrossel de confusão é interminável.

Desde quando é que um cara rapta uma mulher, transa com ela sem sentido e, em seguida, deixa ir? Se sou louca por gostar disso, então ele superou a minha falta de sanidade a milhas atrás.

Ou orgasmos.

O riso vem agora. Ataques histéricos de que não pertencem a este quarto onde consensual não é uma opção. Ela borbulha e mais. Minha mente e meu corpo sucumbem ao som desesperado em seu tom, apenas precisando de uma interrupção das exaustivas perguntas não respondidas.

E é aí que reside o problema. Sim, ele está me segurando contra a minha vontade fodendo, me dando prazer, punindo, mas, meu Deus, eu saí com ele. Que diabos é que isso diz sobre mim?

Tento transformar minha mente, tento me permitir um alívio, porque eu não tenho ideia de quanto tempo isso vai durar e estou cansada. Eu só quero dormir, desligar os pensamentos e as perguntas que não querem respostas para agora. As respostas que só poderiam me dizer que não sou a pessoa que eu pensei que era. As respostas que possam desvendar as verdades que não quero enfrentar.

Lapsos de tempo. Eu me perco em tentar não pensar. E então eu caio.

Eu não tenho certeza de quanto tempo quando estou sacudido do meu estado de dormência. A toalha quente corre sobre minhas coxas e, em seguida, as partes suavemente, com cuidado, me limpando. Quando ele termina, estou gelada do ar da sala batendo na minha pele molhada, mas a minha atenção é facilmente desviada para o mergulho da cama e a sensação de uma de suas mãos sussurrando no meu traseiro nu. Prendo a respiração imediatamente, a suave carícia inesperada, mas bem-vinda. Um simples gesto de ternura no meio de seu domínio sem fim. Sua mão trilha languidamente sobre o meu quadril e, em seguida, atravessa minhas costas. Minha pele ainda é macia ao toque, então tento não recuar quando ele se conecta com os vergões.

Ele murmura algo baixinho que não entendo. Digo a mim mesma para relaxar, para só aceitar a sua ternura desconcertante, mas é difícil não antecipar mais um chicote de rosas açoitar contra minha pele. Retiro dos meus pensamentos quando os lábios vem contra o travessão entre meus ombros, mais uma demonstração de afeto. Eu trabalho sobre o pedaço de confusão na minha garganta quando a dor em meu núcleo pisca para a vida.

Tento lutar contra ele neste momento, dizer a mim mesma que eu quero isso, não o quero ou a queimadura que está começando a se intensificar enquanto ele lança beijos contraditórios para a base do meu pescoço. *Mas meu corpo tem outros pensamentos.* Ele me trai quando arrepios perseguem na esteira de sua língua, uma vez que lentamente desliza para baixo do comprimento da minha espinha.

Exalo de forma audível quando ele atinge as ondulações da minha parte inferior das costas e continua indo.

Suas mãos estão de repente na curva da minha bunda, me empurrando até os joelhos para que meus ombros pressionar no colchão e meus quadris estão no ar. Ele descaradamente agarra os globos arredondados e puxa separados para que a língua possa descer com facilidade. Chupo em uma respiração, meu sexo apertando mais apertado com cada centímetro que ele cobre. Nós dois gememos com suas lambidas de língua ao redor da borda. Meus músculos tensos e os meus engates respiram com minhas terminações nervosas incendeiam na combinação potente de seu toque e a noção proibida dele.

Posso me sentir cada vez molhada, podendo sentir a intensificação de dor enquanto sua língua desliza para baixo, os dedos firmemente amassando minha bunda. Eu, involuntariamente, pressiono meus quadris para trás, um apelo silencioso para mais do que eu tenho dito por toda a vida está sujo e errado. A noção de que não me importo com neste momento, porque o centro de terminações nervosas que ele faz implorar por mais a ser experimentado e manipulado.

A cadeira arranha por todo o chão do outro lado da sala.

*Que diabos?* Estou sacudido a partir da borda de euforia e posso sentir meu corpo está subindo em direção. Meu coração dispara e para. Suas mãos permanecem em mim, possessivas, mas seu rosto se retira da curva do meu corpo.

—Ahhh, assim que você quer ter uma visão melhor *Marco, não?*

O que? Meu pulso acelera, batendo um tuntum frenético quando ele ruge através de meus ouvidos. Eu quero dizer para calar a boca para que eu possa ouvir, para que possa descobrir quem na merda está me assistindo?

Ser forçado.

Tomar seu prazer.

Não. Eu choro a palavra tentando processar o palpitar por que meus mamilos endurecem e minha boceta com a ideia de estar sendo observada. De ter alguém sentado ali observando tomar contra a minha vontade. Por que estou excitada além da crença no pensamento?

Meu captor ri baixo e zomba, e todos os meus nervos estão no fim. Suas mãos em punho em meu cabelo, sua voz um grunhido imediato no meu ouvido. Ele puxa a minha cabeça para trás para o meu pescoço está exposta e o calor de seu corpo cobre em toda a minha volta, se infiltra em qualquer parte minha que é resfriada a partir do pensamento de um espectador.

—Sem perguntas. Não há negação. Lembre-se das regras? — Sua língua traça ao redor da concha da minha orelha minha infalível zona erógena e luto contra o desejo de mudar meus quadris e aliviar a dor prazerosa que ele reacendeu. —Comporte-se, *mia bella*. — O calor de sua respiração atinge meus ouvidos, o passar de seus lábios um contraste gritante com o aviso de que ele oferece. —Eu vou fodê-la. Até o momento que eu estiver pronto, você vai me pedir para continuar. Então você vai me implorar para parar. Independentemente disso, você vai ter o que dar e vai desfrutar de cada momento único, porra. E Marco vai assistir. Entendido?

O domínio de suas palavras me excita. A noção de que alguém vai assistir evoca uma potente mistura de incerteza e de provocação. Estou tão perdido na ideia de ser tomada, sendo fodida sem preâmbulos, junto com a sensação de seu pau endurecendo pressionado contra o vão da minha bunda que nem sequer percebo que eu não respondi. Sua mão se fecha sobre o meu decote exposto e pressiona lá, forçando minha cabeça para trás e me tirando dos meus pensamentos.

Dou um som incoerente de consentimento, assim quando ouço Marco movimentar-se pelo quarto. Meu corpo está tenso e meus ouvidos sintonizam com a fisicalidade crua de dois homens que posso sentir fisicamente, eu não sabendo quem é, mas ambos dominando mesmo assim. Meus mamilos apertam e arrepios da pele sob o escrutínio dos olhos que eu não posso ver, mas sei que estão estudando o meu corpo.

—*Brava, ragazza*[5], — ele me diz, a mão apertando sutilmente. —Este homem lida com o seu destino. Ele decide o que acontece em seguida. Eu disse que não vou te machucar, que vou deixar você ir quando eu tiver o meu caminho com você... mas se você desapontá-lo? — Ele faz um som tski macio. Tento engolir a este novo desenvolvimento, mas o ângulo do meu pescoço faz com que seja difícil.

Uma lasca de medo serpenteia através de mim.

A mão na minha garganta desliza lentamente sobre minha clavícula quando meus pensamentos correm mais rápido do que meu coração. Sua mão encontra meus seios e as palmas das mãos pressionam seu peso contra o meu peito e aperta.

—Se você não fazer valer o seu tempo, — ele ri, baixo e profundo. Sua mão refaz seu caminho de volta para que ele possa inserir dois dedos na minha boca, obrigando-me a provar a minha excitação de mais cedo. —Bem, então todas as apostas estão fora.

[5] Bravo, moça!

Grito como a mão livre batendo na minha bunda dura. O aguilhão reverbera através do meu corpo e no meu sexo com um efeito de ressonância. Minhas mãos agarram as folhas quando os dedos pressionam para baixo contra a minha língua e mantém quieto. Eu o sinto mover, as mudanças de cama, o calor de seu corpo deixa minha pele deslizando sobre a pele e, em seguida, o colchão se move novamente quando ele traz o rosto perto o suficiente para que seu nariz encoste contra o meu.

Se eu achasse que me senti vulnerável antes, é dez vezes mais agora. Pelo menos sei que o homem na minha frente, realmente não quer me machucar, mas o homem nas minhas costas? Agora, ele me assusta.

Sua influência sobre a minha boca aperta quando ele inclina a cabeça um pouco para o que eu posso assumir é o mesmo ângulo. —Eu vou beijá-la agora. Vou ver se esta boca tem um gosto tão doce como sua boceta faz. Você não vai me morder. Você vai me beijar de volta. — Ele se inclina para frente e pressiona um beijo pseudo aos meus lábios, um pouco prejudicado pela colocação dos dedos. Suas penas deslumbrantes sobre meus lábios quando ele se afasta. —E, então, vou prepará-la para o que quiser, mas se recusam a admitir. — Ele remove os dedos muito lentamente, atraindo para baixo, para meu lábio inferior puxando para baixo com a sua descida. Quando minha boca está sem impedimentos, com a boca se reunindo a minha, lábios firmes com uma língua macia pressionando entre eles. Hesito permitindo o acesso, dando algo que, por algum motivo parece muito mais íntimo do que qualquer outra coisa que ele fez para mim.

Sinto-me enfraquecer, permitir beijá-lo de volta e dar boas-vindas a sua língua dançando intimamente com a minha. De repente almejo esse respeito, precisando sentir que há algo mais, precisando sentir que há uma justificativa para todas essas emoções inesperadas e aceitação inequívoca da situação que estou dentro e me entregando a ela a ele, porque é mais fácil concentrar nele e a ternura que ele está me mostrando que se concentrar em meu cativeiro ou o voyeur nos observando, esperando para fincar seu nome de alguma maneira, de alguma forma.

Ele solta suas garras do meu queixo, as pontas dos dedos ásperos raspando toda a linha da minha mandíbula. Gemo baixinho no beijo, lágrimas nos meus olhos fechados com a ironia na reverência de seu toque por apenas um momento antes da culpa começar a comer em mim. Começo a questionar como posso me entregar tão facilmente a outro homem, independentemente das circunstâncias, independentemente das ligações me tem refém, quando Anderson foi *isso* para mim há mais de quinze anos. Começo a afogar no pensamento quando sinto um dedo traçar a carne inchada entre as minhas coxas.

Peço socorro, assustada e nervosa que essa pessoa que me disse que gosta de assistir, agora parece gostar de tocar também. E minha cabeça está tão confusa com tudo o que eu não acho que corretamente, seu toque inesperado puxa meus pensamentos e minha boca do nosso beijo. Tento fugir mais perto do homem na minha frente. É quase como se eu estivesse olhando para o homem que me trouxe aqui para me proteger da ameaça que sinto de Marco em minhas costas. Uma mão pousa bruscamente na minha bunda em repreensão. Desta vez, a força é muito mais dura do que antes e a picada é nítida e distinta sob a palma de descanso.

Mãos de repente enquadram o rosto quando o meu captor beija outra vez, mas desta vez com um desespero comandante. Sua língua se aprofunda, os dentes estreitamento, e da boca leva mais de mim. Durante todo o tempo Marco desliza as mãos para trás e para frente sobre meu traseiro. Eu tento concentrar no movimento sobre a minha carne ainda quente, mas minha mente está sobrecarregada a partir da reivindicação que está sendo apostado em minha boca.

Alcance de Marco move dois dedos paralelos um ao outro deslizando para baixo a curva da minha bunda para o topo das minhas coxas. Eles param e deslizam para dentro até que posso senti-los traçar sobre a umidade na minha entrada. Meu corpo fica tenso, minha mente vai ter problemas com a sensação para se concentrar.

Meu captor cede sua posse de minha boca, e chupo em uma lufada de ar tentando ganhar alguma aparência de equilíbrio. E os poucos segundos que eu tenho que fazer isso são roubados quando sinto a cabeça de seu pau imprensa entre meus lábios entreabertos ao mesmo tempo em que Marco desliza os dedos dentro de mim. Suspiro para fora no sentimento e seu pau desliza mais para dentro da minha boca predicada por seu gemido carnal de cima de mim.

Minha mente pisca para os pensamentos que eu tinha anteriormente de mordê-lo se ele tentasse isso. Como é que ele me provocou, me disse que eu iria implorar por isso. Seu gosto enche minha boca enquanto ele aperta mais profundo em mim, batendo no fundo da minha garganta antes de puxar lentamente para fora.

A mão do meu captor está em punhos no meu cabelo, segurando a minha cabeça ainda quando ele fode minha boca enquanto a mão de Marco aperta a carne em meus quadris e dedos em mim num ritmo correspondente. Meu corpo anda alto libidinoso quando estou trabalhado em um frenesi, o som de prazer que emana de homens enchendo a sala, juntamente com os sons lisos de meu sexo a ser trabalhado.

Estou sem fôlego, oprimida, e toda equipada para processar o ataque de sensações passando pelo meu corpo. Minhas coxas tremem acima de onde os meus joelhos são pressionados na cama, e minhas mãos estão desesperadas para a liberdade de segurar seu eixo. Os homens continuam suas ministrações, o prazer aumentando e meu corpo que cai sob o feitiço do desejo indesejado. Sinto-me inchar e endurecer o aço na minha boca, e de repente ele se retira, a imersão cama enquanto ele cai na minha frente. Sua boca na minha novamente momentaneamente quando os dedos de Marco param de se mover, mas permanecem de braços cruzados dentro de mim.

Meu captor puxa para trás de meus lábios novamente quando ajusto meus quadris para tentar aliviar a necessidade me ancorar. Posso sentir sua respiração no meu rosto como se ele estivesse olhando para mim, e não posso afastar a sensação de que está tentando me dizer alguma coisa, mesmo que não posso ver seus olhos. Ele muda, os balanços de cama, e seu dedo trilham do meu ombro e na minha espinha dessa forma ele tem como ele manobra-se atrás de mim.

Chupo em uma respiração, minhas emoções conflitantes em fúria dentro de mim, e não posso me ajudar, mas guardo os meus quadris para frente como antecipação sufoca o ar em torno de mim. Sua ponta do dedo para e pressiona no topo do meu cóccix, e um baixo zumbido de aprovação parece no fundo de sua garganta. Pés embaralham, os dedos de Marco retira minha umidade, e as palavras são ditas em voz baixa entre os dois homens que eu não entenderia mesmo que pudesse ouvi-los.

Duas mãos apertam ambos os lados do meu quadril, minha aceleração e possibilidades piscando na minha mente respiração. Ele me estende além do possível ar frio com a umidade gelada. —Você quer este em você não, *bella Lilly?* Olhe para a sua boceta e traseiro franzindo em antecipação. Foda-se isso é sexy. Faz-me querer reivindicar cada parte de você, — diz ele, como um lado liberando meu quadril e seu dedo trilhando de volta para baixo sobre cada centímetro de pele para o meu clitóris e depois de volta para cima.

Ouço o clique de uma garrafa e assusto quando sinto o líquido frio despeja sobre mim. Meu corpo vibra com a excitação e medo de outra coisa que eu sempre quis experimentar e curvo a cabeça e esperar. Sinto os dedos espalhando o lubrificante para cima e para baixo a costura do meu núcleo e depois parando. Meus tremores na respiração e meus mamilos apertam instantaneamente quando sinto a ponta do seu dedo imprensar contra o aro apertado e em mim. Meus músculos lutam para rejeitá-lo e o leve desconforto na entrada traz, mas ele só detém, permitindo-me ajustar.

—Ahhh, — ele suspira, quando sinto que minha respiração foi roubada. Depois de um momento em que ele começa a se mover o dedo lentamente dentro e fora, os ruídos suaves de apreciação emanam atrás de mim enquanto eu me convenço a relaxar. —Eu preciso prepará-la, *bella*. Abra. E então você está indo para ser fodida. Você já foi preenchida? Você já sentiu dois paus se movendo dentro de você? Esfregando um contra o outro quando eles gozam?

Lamento fora da promessa escura de suas palavras e, a leve picada quando ele puxa e empurra dois dedos dentro de mim para me esticar mais. Estou quase acostumada com a sensação quando a cabeça do seu pau fica encostada à entrada do meu sexo, me provocando com possibilidades do que está por vir. Ele deixa descansando lá a tortura tentadora para eu desejar antes que ele comece a mover seus dedos novamente a um ritmo mais rápido.

Minha cabeça pende para baixo, meu cabelo fazendo cócegas em meu rosto enquanto ele cai sobre a venda, e absorvo tudo o que está sendo despertado dentro de mim. Não tenho certeza do que esperar, mas não me sinto muito, e depois, quando ele empurra seu pau em minha boceta e seus dedos começam a se mover novamente, dois mundos de sensações batem juntos. Seus movimentos para frente empurram o dedo longe e o zumbido no fundo da minha garganta vem involuntariamente como meus músculos começam a relaxar e aceitar.

Ele me cavalga em uma cadência lenta e constante, que me permite sentir cada cume de sua crista quando ele desliza para dentro e para trás contra as minhas paredes lisas. Eu perco meus pensamentos, minha culpa, minha resistência no ritmo calmo de seu corpo possui o meu. Meus seios se acotovelam para frente cada vez que seus quadris se conectam com as costas das minhas coxas, e sinto a dor de queimar um pouco mais forte, um pouco mais profundo.

Sua outra mão suaviza toda a minha bunda, mas é a sensação de uma ponta aguda de uma companhia de objeto ainda suave que puxa minha mente da névoa de prazer de montando. Ele executa o objeto lentamente ao longo de um lado de minhas nádegas e, em seguida, rola em toda a minha parte inferior das costas para que eu possa sentir a forma inconfundível do plugue antes que ele continue para o outro lado. Ele, então, desliza o ponto lentamente entre as minhas pernas e ao redor de seu pênis e dedos enterrados dentro de mim, preliminares insultas do que vem a seguir.

Meu captor continua a traçar linhas imaginárias com o plug mais e mais, minha mente se tornando tão usada para o sentimento, à conscientização de seu curso que começo a cair sob o ritmo do meu prédio orgasmo. E é quando faço isso, quando me permito sucumbir à enxurrada de sensações dentro causando por seu pênis hábil, que ele puxa os dedos para fora e empurra dentro de mim. Porque

é um pouco maior, um pouco mais duro, faz com que a abundância de nervos lá para cantar em resistência por um momento.

Meu corpo fica tenso na queimadura duradoura, ganhando um tsk dele. —Relaxe. Não lute contra isso, *Bella*. — Ele acalma os quadris e pressiona o plug ainda mais longe até que ele se encaixa dentro de mim e flexiona os músculos em torno dele. Meus olhos ardem do gatilho rápido da dor, mas antes que eu possa esquivar meus quadris longe, com as mãos cavando as curvas da minha bunda e espremendo possessivamente ele bate em mim, o tapa de pele na pele de um mix com seu gutural gemido. Esqueço que há mais alguém na sala, esqueço a ameaça de encontrar prazer e desfrutar, porque essa opção foi uma conclusão precipitada a cada minuto que ele empurra dentro de mim.

E, desta vez quando ele trabalha minha boceta mais e mais, meus músculos começam a apertar em torno dele e do excesso de nervos se estenderam ao redor do plug luz tudo no fogo um pouco mais forte, muito mais intenso. O calor começa a surgir através de meu corpo, pensamentos, desejos e prazer, tudo colidindo em uma tempestade perfeita de sensações que eu perdi a luta para resistir. Meus ombros levantam, meus cotovelos cedem, e meu peito e ombros pressionam no colchão embaixo de mim, dando o controle de cem por cento para manipular meu sexo.

E mesmo que eu sentisse o acúmulo de meu orgasmo, quando ele me bate, quando meu corpo se apodera com as profundezas catastróficas de prazer que o pulso através do meu núcleo e reverbera através de cada fibra minha, estou sem palavras atordoada com a intensidade sem restrições. Meu corpo se contorce incontrolavelmente, meus lábios partem com um gemido, e arrepios cobrem meu corpo, apesar do calor me deixando refém.

—Tão linda tão sensível, — ele murmura quando acalma dentro de mim e acaricia a curva da minha bunda. Eu lentamente desperto do coma pós-orgásmica e reconheço os sons inconfundíveis de Marco acariciando-se ao meu lado. Estou imediatamente em alerta, minhas sinapses disparando apesar de ainda serem drogados de intoxicação do orgasmo. A consciência da sua presença, do conhecimento que ele está aqui ficando fora olhando, deixa-me sentir vulnerável, envergonhada.

—Você está pronto?

Minha cabeça sacode na voz do meu captor, sem saber qual de nós ele está falando. Expiro lentamente, esperando em silêncio enquanto minha impaciência do captor. O vazio repentino é indesejável e inesperado, mas mordo de volta o gemido de desaprovação porque tenho uma sensação de que ele não é mais o único no controle, Marco está também.

—Qual é a sua escolha? *Entrambi sono la perfezione*[6] — Suas mãos deixam a minha pele, a ficha ainda permanece, e ouço o assoalho ranger quando ele recua. Sua risada ecoa na sala em uma resposta que não posso ver. —Como quiser, — ele diz e trabalho a saliva na minha garganta enquanto espero para saber as ramificações dessa declaração.

Choro quando meus quadris estão agarrados rudemente e ergo no ar. Eu instintivamente ângulo a cabeça para trás para tentar ver o que está acontecendo, minha mente tão ocupada no que próximo, esqueço a venda cobrindo meus olhos. Eu sinto alguém mover entre as minhas pernas separando, e minha visão não é necessária para entender o que acontece em seguida. Sou forçada em meus cotovelos como um corpo desliza abaixo de mim e até o colchão, carne nua pastando apenas mal contra a minha pele hipersensível. Chupo uma respiração quando ele estremece fora quando meus mamilos batem sobre o peito quando ele se posiciona. Sinto-me puxando minhas restrições no tornozelo e, em seguida, sinto a tensão aliviar a pressão sobre as pernas. Puxo as minhas pernas mais perto, aliviada por ter mais liberdade e enquadrando o tronco embaixo de mim. Eu flexiono os quadris, o plug um pouco desconfortável, uma vez que permanece dentro de mim.

*Quem está embaixo de mim e quem está atrás de mim?*

Minha mente trabalha furiosamente tentando me acalmar os nervos como zumbidos e ansiedade aumentando para novas alturas. Eu sei o que vai acontecer a seguir, sempre me perguntei o que seria, mas agora que estou aqui no momento, estou nervosa. Eu nunca percebi que realmente falei com Anderson para tentar isso, e obviamente, eu nunca esperava se ter a chance de que eu estaria amarrada e com os olhos vendados.

Calafrios dançam na minha espinha, quando meus seios apertam o peito escovando debaixo de mim, as mãos enquadrando minha mandíbula. —Você está pronto? — meu captor murmura em meu ouvido. Eu cedo, grata mais uma vez que ele é o único debaixo de mim, aquele perto do meu rosto, porque me enerva esse Marco. Eu já formei uma confiança mal interpretada com o meu captor, mas nesta situação cheia de incógnitas, sei que ele pode ter começado tudo isso, mas ele também tem mantido a sua palavra para mim até agora.

Exalo um suspiro trêmulo e aceno sutilmente quando sinto Marco escovar contra mim por trás. —*Bella*, você tem alguma ideia de como linda você parece agora? Como ciumento seu marido deve ser que eu começo a transar com você quando você parece assim? Mamilos apertados, boceta

[6] Ambos são a perfeição.

pingando, cera endurecida, e as minhas marcas nas suas costas? Ele sabe que você precisa disso? Precisa ser testada? Dominada? Cheia? Usada? Fodida dentro de uma polegada de exaustão?

Um som estrangulado vem da minha garganta como um soluço, parte desespero, quando ele refere-se a Anderson. Eu não quero que ele mencione, não quer ser lembrada do homem de bom coração que estou traindo. Não, eu estou sendo *forçada a trair*. Meu corpo vibra mais, mas minha cabeça começa a ganhar a batalha, a culpa retornando com força total. As lágrimas caem e minhas pernas tremem quando suas mãos atropelam os lados do meu torso, calosidades ásperas contra a minha pele lisa.

Ele desliza suas mãos até meus quadris e orienta para frente antes de soltar uma das mãos. Sinto imediatamente a crista de seu pau sobre o meu clitóris, separando a carne lá, e posicionando na minha entrada. As mãos de Marco agarrando meus quadris por trás, e, lentamente, me empurrando para baixo, de modo que o pênis de meu captor me encha a um ritmo dolorosamente lento. Meu corpo estremece com a sensação, os nervos arrecadando mais, e os músculos inchados incapaz de resistir à ignição do desejo. Dedos descem e aplicam lubrificante delicadamente em torno de onde estamos unidos e depois volta até onde ainda permanece.

—Você está pronta? — ele sussurra debaixo de mim enquanto suas mãos guiam meus ombros para frente, os meus seios agora pressionados contra o peito para dar a Marco melhor acesso.

As asas de pânico começam a se agitar de novo, o medo ventilando quando sinto seus dedos aderirem na base da tomada e começar a removê-la. O som choramingando que eu faço é involuntário, meu coração batendo que mistura potente do desconhecido e do querer saber mexer com a cabeça mais do que já é.

O plug desliza para fora e todo o meu corpo fica tenso quando sinto uma quantidade generosa de lubrificante aplicado. Chupo em minha respiração, as emoções em conflito, antecipando corpo e dor intensificando enquanto me sinto em estado suspenso de tempo entre os dedos deixando minha pele e à espera do próximo contato.

A cabeça de seu pau prensa contra a minha entrada proibida e Anderson pisca pela minha cabeça causando um soluço rasgando através de minha garganta. Isto não é como quero isso. Quer dizer, quero experimentar isso, mas com Anderson, meu marido... não forçada e...

Tremores percorrem meu corpo e lágrimas caem. Eu começo a lutar longe, começo a tentar lutar contra isso, contra ele. Meu grito enche o quarto. Mãos apertam meus ombros e me puxam com força contra o peito de meu captor. Seus braços me seguram ali, meus quadris se contorcendo de prazer

eu não quero apresentar como o meu clitóris move contra o comprimento de seu pênis ainda dentro de mim.

—Não lute contra nós. —Sua voz é uma exigência no meu ouvido. —Você quer isso. Queremos isso. — Resisto novamente quando Marco pressiona contra meus músculos implacáveis. —Vamos reivindicar essa bunda virgem. Vamos foder, um buraco para cada um de nós. Vai fazer você perceber o quanto é bom ser uma putinha suja que você quer ser... que você luta para negar.

Eu começo a mudar novamente, mas desta vez é porque não importa o quão esmagador a situação está eu não quero estar à mercê de dois homens que não posso nem ver, estou pingando umidade. Meu desejo de continuar mais do que evidente, uma vez que desliza para fora de mim e sobre a nossa conexão.

Agarro a sensação inexplicável e equivocada de confiança que sinto com o homem que começou toda esta situação bizarra. Eu agarro o agora e não o porquê, quando o pau de Marco empurra para dentro de mim. A dor lancinante me assalta quando ele força a cabeça pelo apertado anel de músculos implacáveis.

Meus olhos enchem de água e grito de dor indescritível. Meus músculos do corpo em resistência enquanto os homens usam as mãos para me segurar.

—Espere um pouco. Uma vez na sua cabeça, vamos deixá-la ajustar, — ele quase canta para mim contra o motim de ruído enchendo minha cabeça. —Não me faça amordaçar você, — ele avisa quando não paro.

Mordo meu lábio para transformar os gritos em gemidos, e estou tão focada na ameaça da mordaça que me leva um momento para perceber que a dor está se dissipando. Até a minha respiração enquanto o resto da dor desaparece e sinto os dedos aplicando mais lubrificante. E, em seguida, Marco muito lentamente começa a se mover. Ele empurra mais para dentro e eu apenas igualo a respiração.

O orgasmo rasga através de mim em um raio ritmo acelerado. Eu não tenho tempo para pensar se as milhões de terminações nervosas escondidas dentro do anel que Marco apenas vestiu, ou a ideia de fazer algo que outros sempre chamam tabu, ou se ele realmente se sente bem porque a intensidade com minha libertação batem rivais de nenhum outro clímax que já experimentei.

Não podia lutar contra o prazer que violentamente rasga através de mim se eu quisesse. Minhas pernas apertam nos quadris eles emoldura meus pés em onda, minha boca fica aberta, mas estou tão sobrecarregado com o excesso de sensações diferentes que não posso emitir um som. Minha respiração é mantida refém pelo prazer afiado com dor, e nem sequer percebo isso, nem sequer tento

encontrá-lo, quando minha boceta grampeia para baixo e os músculos do pulso ritmicamente em torno de ambos os paus me enchendo. E não sei se ele está sendo esticado tão incrivelmente cheio, mas meu orgasmo se enfurece, meu corpo e cabeça perdidos para a neblina orgásmica.

E então eles começam a se mover.

Minha respiração volta. A pontada de dor ainda está lá, mas a minha adrenalina está tão alta, a dor que deve ser saciada já está ajusta para cima. Acho que gemo, nem sei por que tudo que eu sinto o cheiro é de menta, tudo que sinto é prazer, tudo que eu quero é mais.

Empurro e puxo de um pau movendo enquanto o outro se move para fora. A sensação deles esfregando através da fina parede interior entre eles. Um par de mãos em meus quadris, o outro me segurando para baixo. O esforço e som mancham a carne lubrificada a ser trabalhada. Cada coisa assalta meus sentidos, me arrasta sob ainda no limite, esperando, querendo, dispostos a voltar.

Para tirar o que eu quero, pela primeira vez em tanto tempo.

Anderson treme pela minha mente, e eu afasto. Não posso tê-lo aqui, agora, não pode pensar nele ao sentir tudo isso, porque então tenho que admitir que isto seja o que quero.

Isto é o que eu preciso.

Isso é um pouco mais...

# *Capítulo Seis*

Minha cabeça dá voltas para frente, a minha testa contra o ombro do meu captor enquanto seus braços continuam a manter e me guiar. Meu corpo ainda ferve, ainda queima por mais, mas não sei quanto mais posso lidar. Estou exausta: fisicamente, mentalmente, sexualmente. Para uma menina usada para um orgasmo de cada vez, meu corpo não pode gozar mais.

Acho que os homens percebem isso, mas eles não cedem enquanto perseguem seus próprios lançamentos.

Lapsos e posições de tempo mudar.

Murmuro palavras faladas do meu captor.

Dedos apertam meus quadris.

Gemidos ao som de carne batendo carne.

Gemidos de liberação.

O sono vem sem pensar.

O cheiro de hortelã me acorda muito cedo.

Eu tenho permissão para utilizar as instalações.

Nunca sozinha.

Bebida de água oferecida.

Presa na cama para outra rodada começar.

Nas minhas costas.

Desta vez, apenas Marco.

Ainda em silêncio.

Presença ainda domina o ambiente.

A única conexão é onde nossos corpos se juntam.

Primeiro ele.

Então meu captor.

Suplicando para parar.

Não posso ter mais.

Dizendo o nome de Anderson mais e mais.

Centrando no hortelã.

Não o ataque contínuo de sensações.

Parecendo como uma boneca de pano.

Mas os orgasmos ainda vem.

Afogando no prazer indesejável.

Corpo traidor.

Ocupe-se de escapar.

Beba mais água.

Desejando os morangos cobertos de chocolate.

Cabeça tornando difusa. Assim como caminhando de volta para o hotel.

Escuridão fechando.

Sentindo-se livre. Leve, embalada.

Pimenta e hortelã novamente.

Ar frio. Luzes brilhantes.

Os ding de um elevador.

—Minha namorada. — A voz do meu captor. A risada suave, conhecedor. —Tola do orgulho americano fez pensar que ela poderia lidar com o nosso vinho. — O calor de um beijo pressionado para minha testa. Riso educado. Murmuro de boa sorte.

Os ding do elevador.

Afundando em suavidade.

Encapsulada em mantas.

— *Ora sei libero*,[7]— murmurou em meu ouvido.

Escuridão.

## *Capítulo Sete*

Eu mudo inquieta na cama, minha cabeça grogue e corpo dolorido. Rolo no meu estômago e me sinto um torresmo por cima do meu peito. Minha mente se encaixa com a consciência desperta e parafuso na cama com um gemido. A luz atinge meus olhos e levanto um braço para protegê-lo de seus raios agressivos. Meu coração bate e uma vez que meus olhos podem ajustar, eles arremessam freneticamente ao redor da sala.

*Meu quarto de hotel.*

Eu imediatamente agarro a roupa de cama e seguro para o meu peito de uma forma ridícula de proteção contra o silêncio e o desconhecido. Leva-me um segundo para recuperar o fôlego, mesmo para fora meu pulso, e realmente acredito que estou aqui.

*Sozinha.*

Minha mente passa sobre tudo, memórias e sensações batem juntas como um derby de demolição. Enrolo imediatamente em mim mesmo, os joelhos ao peito de armas de proteção em torno deles. E se eu não sentisse a dor em meus membros, a ternura entre as minhas coxas, a cera seca no meu peito, e as mordidas de dor ao longo da minha volta, juro que foi tudo um sonho. O rapto, sendo fodido de todas as maneiras imagináveis, e então *nada* até acordar aqui na minha cama no meu quarto de hotel.

[7] Você agora está livre.

Engasgo de volta à bile que sobe na minha garganta quando essas imagens se materializam na realidade. Quando percebo que o que eu esperava que fosse um sonho é realmente a realidade. Meus protestos em meu corpo, mas estou fora da cama num piscar de olhos e correndo para o banheiro. Não consigo ligar o chuveiro rápido o suficiente, não posso esperar para livrar meu corpo das lembranças que ainda marcam: a sensação de seus dedos, seu cheiro misturado com o meu, a cera seca, o sal na minha pele. Mentalmente espalhada, passo para o recinto de azulejos sem pensar. O choque de solavancos frios traz minha mente para o presente, a minha voz gritando e ecoando sobre as telhas é um som desconcertante.

Por que não gritei por socorro ontem, quando estava sendo estuprada e mantida contra a minha vontade, mas clamo agora por causa de algo tão servil como um balde de água fria?

Os círculos de dúvida em minha mente, meu corpo flácido contra a parede gelada atrás de mim, a minha consciência tentando desengatar a partir dos fatos. O sentimento de culpa. As dúvidas. As verdades.

Por que não lutei mais, resisti mais? Será que eu permiti que tudo isso aconteça? Eu sou assim?

A temperatura da água se aquece em um instante. Frio para o quente. Frígido para convidativo. Isso foi ontem? Resistente e sem vontade, então aceitar e compatível em um turno de um centavo.

Engasgo voltando à bile que o pensamento me traz. Como eu mesma e o que eu deveria ou não deveria ter feito fazem me questionar. Das coisas que encontrei prazer.

—Oh Deus. — As palavras que caem da minha boca é como um mantra repetido quando fico meio do caminho e deixo que as linhas de água queimem escaldante para baixo da minha pele. Pego o sabonete com as mãos trêmulas e começo a esfregar meu corpo com vigor. O vapor sufoca o banheiro pequeno, mas não é páreo para o peso sufocando minha alma.

Reduzo a barra de sabonete para uma lasca e imediatamente abro outro pacote do hotel de sabão barato e começo de novo até que minha pele está rosa, crua, e desgastada. *Mas não é o suficiente.* Ainda estou suja, ainda manchada por dentro e por fora. Tomo meus dedos ensaboados com sabão e deslizo entre as minhas pernas e dentro de mim, tentando lavar todos os vestígios dele da melhor forma que puder. Eu movo em um frenesi. Incho com a ardência na pele quando o sabão bate, mas não importa. Eu não consigo limpar a alegação de que ele apostou.

Lágrimas caem. Meu corpo treme. Abro a boca para deixar a água escaldante preenchê-la e queimar o meu paladar. Eu não consigo apagar o gosto de seu beijo ou a sensação de seu pau deslizando sobre minha língua. Começo a morder com o pensamento, a água de pulverização em todos os lugares que engasgo e tusso e tento tirar o ar.

E não sei quanto tempo fico lá, os vergões queimando na água quente na minha pele, mas não me importo. Congratulo-me com o foco forçado sobre a dor, a limpeza da minha carne, porque é mais fácil concentrar nisso, em vez das dúvidas e perguntas e pensamentos que inundam minha mente.

Os que eu tenho medo de olhar mais de perto, encontrar respostas.

Tropeço fora do chuveiro depois de algum tempo. Eu atravesso a mecânica aleatória de deslizar sobre o hotel oferece robe e puxo tão apertado que pulso ao meu redor. Estou congelando. O tempo abafado italiano permeia o quarto, mas estou muito fria. Ando a curta distância até a cama, rastejo de volta para ela, batendo os dentes e o corpo exausto.

Mas é agora que estou fisicamente limpa que meus olhos estão fechados e o corpo está afundando no colchão, que posso ouvir os carros na rua abaixo e o som do vácuo em outra sala próxima. Minha garganta contrai momentaneamente.

É lá que eles me tiveram? Segurou-me contra a minha vontade apenas alguns quartos para baixo de um presente? Tento processar as possibilidades. Eu não tenho ideia, e o pânico me bate com força total novamente, o pensamento de um ponto fraco inesperado. Eu estava realmente tão perto daqui? Eu poderia ter gritado e parado o curso de destruição emocional que agora me encontro diante. Meu coração parece trovões e mãos tremem.

Aperto meus olhos fechados e me esforço para me concentrar ao meu redor. Tudo parece o mesmo que ele fez ontem... ou anteontem. Penso nisso. Na normalidade de tudo, esperando a minha mente poder desligar por alguns momentos. Eu não tenho nenhuma ideia de quanto tempo passou, mas tudo parece o mesmo, e ainda cada coisa em mim mudou, foi mudado para sempre.

Eu finalmente permito que minha mente vá lá, para tentar processar o que aconteceu: os porquês, os que, as respostas para alguma razão, sei que eu nunca vou encontrar. Chego até por força do hábito torcendo meu bracelete, minha pequena forma de conforto em meio a esse turbilhão e toco a pele nua. Olho para o meu pulso, pensamentos em conflito quando encontro que minha joia favorita se foi.

A ansiedade retorna como minha mente tentando lembrar se eu a tinha na noite passada. Se perdi durante tudo o que aconteceu. Exorto a minha mente para o fogo, para romper as lembranças difusas, mas o mais longe que eu me lembro é de acordar amarrada e com os olhos vendados.

Começo a levantar, quero olhar para ele, precisando que lembrança da minha família, meus meninos fiquem seguros agora, mas paro quando meus olhos tem um vislumbre das linhas vermelhas fracas tocando meus pulsos. Trago para perto do meu peito e esfrego, minha mente perdendo o foco sobre o que eu ia fazer. Depois de um momento perdido em pensamentos, prendo e olho para eles de novo. O engraçado é que sei que quando as marcas desaparecem, ainda vou senti-las de alguma forma de alguma maneira, porque o que foi feito para mim, será gravado na minha alma para sempre.

A questão é, é um pesadelo ou uma lembrança?

Acho que de um sequestrador que eu confiava, de alguma forma inexplicável, ferrando, que tentou me proteger, me elogiou, me mostrou uma ternura inesperada e esporádica. Como é que alguém quebra a cabeça em torno disso? Sequestro, droga e restrições não são de forma consensual, então como é que ele me faz sentir como se fosse a minha escolha?

Meus pensamentos piscam para Marco, a pessoa que não disse nada, mas cuja presença era dono do quarto com seu simples silêncio. Seu comportamento frio e falta de tato do seu lugar no final da cama um contraste gritante com o meu sequestrador. O misterioso homem que estava sentado lá assistindo sem sequer uma palavra, mas que tomava alguma coisa de mim que nunca dei a qualquer outra pessoa.

E então penso em Anderson. O soluço pega na minha garganta enquanto me concentro em traição e infidelidade até a culpa causando estragos na minha psique. Viro para fora da cama para a cômoda onde meu telefone celular e agarro como uma linha de vida, sem entender por que isso não foi o meu primeiro pensamento quando acordei. Há dez mensagens dele perguntando se estou bem, para ligar de volta, que ele está indo para mais reuniões. Minhas mãos agarram com força, nós dos dedos ficando brancos enquanto as lágrimas voltam claras pelo meu rosto. Congratulo-me com o sentimento, o desprendimento de emoções que pesam pesado.

Eu digo a ele? Não vou para casa e ajo como isso nunca aconteceu? Levar a vida como de costume durante todo o tempo estou tropeçando no interior com... o quê? O que exatamente estou sentindo?

Aliviada.

Confusa.

Saciada.

—Oh Deus, — sussurro meu mantra para o quarto. Memórias manchando minha mente e inquietação reinam na minha alma. Aperto um lado meu telefone a platina do meu anel de casamento clicando contra, enquanto com a outra involuntariamente cubro meus lábios. Eu cedo sobre a cama e sucumbo ao ataque de emoções que não estou muito certo como lidar.

Não fui prejudicada. Fui colocada de volta no meu quarto de hotel. Será que alguém vai realmente acreditar que fui sequestrada, estuprada, e lançada fisicamente ilesa? Eu mando um suspiro, meus dedos em meus lábios agora começando a tremer. Estou em um país estrangeiro. Sozinha. Acabei de lavar todos os vestígios de mim sem pensar. Se eu fosse para as autoridades, eles realmente acreditariam em mim?

Indecisão guerreia enquanto o tempo passa, o desconforto com cada movimento um lembrete sutil de tudo. Sombras mudam toda a sala quando o pensamento do dia em diante.

Choro quando meu celular toca. O som parece tão estranho na minha câmara de eco dos meus pensamentos. Eu atrapalho com o telefone momentaneamente, a minha mão ferida, inconscientemente, agarrando de todo esse tempo, e olhar para baixo para ver quem está ligando.

*Anderson.*

Fico olhando com os olhos arregalados em sua imagem na tela para o que parece ser para sempre, mas é realmente apenas dois toques. O fluxo de sangue em meus ouvidos abafa o toque quando engulo todo o nó na garganta. Eu sei que é apenas alguns segundos que passam, mas parece que horas que olho para a tela. Guerras de indecisão. E, em seguida, uma vez que escolho atender, não posso ter o telefone no meu ouvido rápido o suficiente.

—Olá? —Eu já estou soluçando as palavras para fora, respiração engatando, desespero ecoando na minha voz.

—Lil? Lil, o que há de errado? — E é sua preocupação na voz, o conforto, tudo, que me desfaz. *Desvende-me.* Atinge-me como um soco no estômago. Não posso pegar minha respiração rápida o suficiente, não posso falar, porque estou sobrecarregada pelas verdades que estou finalmente pronta para enfrentar. Para aceitar.

*Este homem é meu tudo.*

Ele tem sido por muito tempo, como diabos eu poderia pensar em querer mais alguém? Claro sexo pode ser um pouco chato às vezes, pode ser previsível ou programado para minimizar a

chance de ser interrompido pelos meninos, mas é realmente sobre ele? É a rotina que temos caído em tudo é culpa dele?

Eu torno complacente. Tomei o seu lugar ao meu lado pelo concedido. Não sou tão culpada por isso que ele é? Ainda não parei de colocar o nosso casamento em primeiro, assim como ele tem demais?

—Lil, me responda! Você está me assustando para o inferno! — A urgência e o medo em sua voz vem através da conexão de alto e bom som, me sacudindo dos meus pensamentos. Posso imaginá-lo andando na frente de sua mesa, com uma mão no telefone, a outra empurrando através de seu cabelo.

—Eu estou bem, — digo. —Estou bem. — Chupo em uma respiração e me acalmo, porque não posso responder as perguntas que ele vai pedir, e o mais composto que sou, a menos insistente que ele vai ser uma resposta.

—O que está acontecendo? —Sua voz suaviza um pouco, mas a preocupação ainda é proeminente.

—Eu só, eu só sinto sua falta. — Soluço as palavras, mordendo meus dedos para evitar outro soluço caindo quando a sorte está lançada.

*Eu não posso dizer.*

Sei que estou selando meu destino para o inferno por mentir, mas não posso trazer a fazê-lo. Não posso quebrar esse instinto masculino inato que ele tem para me proteger. Estou bem. Estou ilesa. Os danos causados a mim são muito menos do que o que faria com ele. Ele nunca iria olhar para mim. Sua empatia e uma das razões que me apaixonei por ele, em primeiro lugar, o levaria a mimar e tratar com luvas de pelica. O fato de olhar que tudo aconteceu a ele para um fracasso como um homem, como um marido para proteger-me de roer até que ele se autodestruísse.

Eu destruí o homem que amo para amenizar minha própria culpa?

—Hun, você está bem? Por que você está chorando?

Suas palavras rompem meus pensamentos. O tom de sua voz quase quebra a minha determinação. A confissão é na minha língua, mas fecho os olhos e forço para dentro. Internalizo minha própria dor para evitar a dele.

—Nada. Eu só fiquei doente e... e não posso esperar para voltar para casa. Eu sinto sua falta, os meninos... a casa. — Eu pressiono meu polegar sobre o alto-falante do telefone para que ele não possa ouvir o som revelador da minha engatada respiração.

—Você tem certeza, Lil? Você não parece bem. — Estou em silêncio. Eu não confio em minha voz ainda. —Estou voando para aí.

Não. As palavras estão na minha boca, fazendo com que sua declaração seja minha. Um apelo desesperado. Minha epifania tão simples, mas tão assustadora, tudo ao mesmo tempo. Ele não pode me ver, porque eu preciso de hoje e o próximo para me recompor, para absorver tudo o que aconteceu, curar algumas das marcas físicas, descobrir como lidar com as lembranças emocionais. Para permitir-me o tempo para aceitar essa experiência me mudou e descobrir as palavras para dizer a ele que preciso um pouco mais de nossa vida sexual: experiências, domínio, variando. Para ser capaz de expressar o nosso casamento ou ele ser o suficiente para mim não é o problema, não, mas a minha necessidade para ele me dar algo mais no quarto é.

A resposta que eu preciso descobrir ainda, será que a admissão machuca tanto quanto dizer sobre o estupro? Meu ponto fraco quando ele pensou que nós éramos felizes e estou longe disso? Fazendo sentir-me inadequada?

—Eu vou ficar bem. Vou mudar meu voo para amanhã em algum momento e voltar para casa mais cedo. — Faço minhas mãos segurarem o edredom e prendendo a respiração à espera de sua resposta.

—Lil, eu não gosto...

—Estou bem. Eu vou ficar bem. — Tropeço nas palavras, mas eu não tenho certeza se estou tentando tranquilizá-lo ou a mim. —Eu já olhei os voos... Eu só estava pegando o telefone para ligar para você e dizer.

Uma mentira em cima da outra.

*O que um emaranhado tecendo.*

—Lil... — Sua voz diminui, a pergunta não formulada cair em seu silêncio.

Eu me preocupo quando prendo meu lábio inferior entre os dentes e espero as perguntas, o pressentimento de que ele sabe o que aconteceu de culpa gritando alto como o meu próprio coração diga o pessoal.

—Sinto muito, — ele finalmente disse. — Eu deveria ter dito ao trabalho para ir para o inferno. Eu deveria estar ai com você, cuidar de você. — Posso ouvir o arrependimento, a evidência de que ele está batendo a si mesmo sobre a escolha de sua carreira sobre nós. Meu Deus, eu não posso imaginar o que seria como se ele realmente soubesse o que aconteceu.

—Ander...

—Lil... — Ele sopra um longo suspiro. —Precisamos... vamos conversar quando chegar em casa, ok? Mande-me uma mensagem com as informações sobre voo quando você alterá-lo e... descanse um pouco, ok?

—Mmm-hmm.

—Eu te amo.

—Eu também te amo.

A linha desliga, mas seguro o telefone no meu ouvido por quanto tempo que não sei, a minha decisão em guerra contra a minha racionalidade. E a única coisa que quebra a espiral sem fim de culpa é quando as palavras flutuam em minha mente como uma memória distante.

*Ora libero sei.*

Posso ouvir a sua voz dizendo, sentir sua respiração aquecer meus lábios, mas não me lembro de nada mais. Eu abaixo o telefone do meu ouvido e digito as palavras, minhas mãos tremendo e escrevo algumas vezes, mas finalmente o Google me dá a resposta que estou procurando.

Eu pisco meus olhos algumas vezes e balanço a cabeça em que tem que ser um mal-entendido das palavras, o seu significado.

*Você agora está livre.*

# *Capítulo Oito*

—O que trouxe tudo isso? —O olhar de confusão no rosto de Anderson me preocupa. Será que ele vai me dizer não? De novo? Rejeitar a mim e a minha súplica mesmo caindo?

*Você agora está livre.*

Soluço voltando a culpa para a forte presença querendo dizer a verdade e baixar os olhos para olhar para as minhas mãos mexendo no meu colo. Pensamentos piscam na minha mente de antes. O alívio que senti ao ver Anderson no aeroporto. O amor irrestrito que corria através de mim quando ele passou os braços a minha volta. A calma que se apoderou de mim misturada com o sentimento de segurança, conforto, aceitação, lealdade com apenas o cheiro do seu perfume e segurança de seus braços. Como chorei como um bebê no meio do terminal quando ele me segurou, sussurrando palavras tranquilizadoras para acalmar a efusão de emoções que ele não entendia.

Dirigindo para casa. Bate-papo rápido quente sobre o que o outro fez. E digo tudo... tudo, mas quero dizer mais. Desculpar. Como é que ele estragou tudo, deveria ter trabalhado para dar uma caminhada, e me colocar em primeiro lugar, nos colocara em primeiro lugar. Como ele pensava sobre suas prioridades e onde ele está errado. Como estar sozinho por uma semana, com nada além de seus próprios pensamentos, faz com você.

Aceito suas desculpas e, em seguida, peço a minha própria, pelas mesmas razões e por aquelas que ele nunca vai ter uma pista. As lágrimas caem. A esperança renova e promessas murmuradas são feitas para as mudanças que precisam ser feitas.

E então voltamos para casa a uma casa solitária. Meus meninos não vão estar de volta de minha mãe até o outro dia. Pânico se torna histeria; os pensamentos que tive os primeiros minutos depois eu acordei inunda meus olhos vendados volta com uma vingança. Começo a divagar, digo a Anderson que precisamos pegar os meninos agora. Neste exato momento. Preciso vê-los, beijá-los, inalar seu aroma de menino enquanto os seguro firmemente.

Começo a chorar. Penso no que eu poderia ter perdido. Anderson me acalma, me diz que os planos de viagem já estão feitos para amanhã e é tarde demais para cancelar. Que precisamos desfrutar de uma noite que temos pelo nosso aniversário. Fazer mais do mesmo. Começar provando tudo o que acabamos de dizer um para o outro no carro.

Eu me acalmo e olho para ele por um momento antes de tomar uma respiração profunda para dizer o que me levou uma vida inteira para confessar. Peço que ele não fale até eu terminar. Digo a ele que o amo mais do que qualquer coisa. Digo que perder o que nós éramos uma vez, perdemos também a faísca no quarto. A falta de agradar o outro, o desejo de ser espontâneo, experimentar coisas novas, sair da caixa.

Ele acena com a cabeça para mim, concedendo o meu pedido de silêncio, enquanto recolho meus últimos pensamentos juntos. Os sentimentos evocados a partir do quarto de hotel inundando de volta dez vezes e lotando a sala em torno de nós, dando-me a coragem que preciso para terminar o que eu preciso dizer. Nós nos sentamos assim por algum tempo, há palavras trocadas, mas os nossos olhos falando: a disposição e confiança. A aceitação e compreensão. Mas por alguma razão, o silêncio que caiu não parece tão solitário mais. É preenchido com uma faísca do que está desaparecido há algum tempo.

E assim que adiciono combustível para a chama, esperando que ele pegue fogo.

*Você agora está livre.*

Em vez de insinuar coisas que quero, como eu fiz no passado, digo a ele. Novas posições, brinquedos, anal, oscilações no sexo, a servidão. Nada para muitos nos dias de hoje, mas uma mudança de vida para mim para fazer a terra tremer. Digo cada frase, uma atenção especial a cada palavra, e vejo suas reações. Tranquilizo que eu o amo, que estou feliz, que ele é mais do que suficiente, mas que com a idade, com confiança, eu quero mais. Eu preciso de mais.

E quero descobrir esse mais nele, com ele.

Expiro ruidosamente no silêncio que pedi. Meus nervos cantarolam e disputo meu joelho, enquanto continuamos a olhar um para o outro, o seu silêncio uma lenta tortura para mim. Preciso dele para responder, preciso dele para me dizer que não estou pedindo muito. Que ele pode dar isso para mim.

Mas ele não disse uma palavra, mas sim levanta e desaparece da minha vista. Mordo meu lábio para lutar contra as lágrimas que ameaçam e a rejeição previne aloja em minha garganta. Não importa quantas vezes ele me rejeita, cada vez que é tão devastadora quanto à primeira. Aperto meus olhos, a gama de emoções me ultrapassando quando eu mantenho tudo: a demissão de Anderson depois de nossas promessas antes, a culpa e a vergonha montando um segundo próximo.

A cama muda e Anderson coloca a mão na minha coxa, apertando-a quando me recuso a abrir os olhos. —Lil? — Há uma gentileza no seu tom de voz que puxa tantas coisas dentro de mim que abro meus olhos para encontrar os dele. Ele estende a mão e emoldura o rosto, seu polegar enxugando a lágrima solitária que não pude conter a ternura de seu toque quase me faz perder o meu domínio sobre seus lembretes.

Ele repete a pergunta novamente, puxando-me dos meus pensamentos. —O que trouxe tudo isso agora? Será que é porque um desses?

Ele se agacha para pegar alguma coisa do chão ao lado da cama e estou surpresa de ver a caixa do meu armário. Encaro quando ele levanta a tampa e coloca o conteúdo entre nós. Meus olhos piscam e vão para trás, tentando avaliar a expressão em seu rosto justaposto à dor silenciosa que a visão de alguns dos brinquedos criam.

Porque agora eu sei exatamente o quanto eles podem melhorar o meu prazer.

Minhas bochechas ruborizam quando olho para eles e em silêncio, com culpa recordando essas sensações enquanto Anderson olha e pesa seu olhar enquanto espera por uma resposta me perturbando.

—Sim. Não. Sim... — Sopro um suspiro exasperado e olho para cima de onde estou brincando com meus dedos para atender a marrom claro de seus olhos. —Eu só...— Minha voz falha, pela primeira vez, perdendo a minha confiança. Eu tenho um momento e quando olho para baixo e vejo as linhas invisíveis em meus pulsos, elas me dão o que preciso para ser honesta. —Além desta vez me fez perceber o quanto eu te amo, mas que fui infeliz, ressentida... que, por algum tempo, estive com ciúmes do velho *nós* e não quero ser desse jeito. É um lugar horrível para estar. Deixamos a vida ficar no caminho... colocar tudo em primeiro lugar, e acho que isso, descobrindo coisas novas juntos, vai fazer que nós descobrimos que a confiança um no outro, reacender o que estamos habituados a ter — Dou de ombros, com lágrimas nos meus olhos. —Eu não sei. No começo pensei que os brinquedos pudessem ajudar... mas agora... Tudo o que sei, tudo o que me importa é que sinto falta... de nós.

Anderson me dá um aceno medido seguido por um sorriso desenvolvido. O que há quinze anos capturou meu coração, quando ele passou por mim em seu uniforme de futebol durante o almoço.

—Após esta semana, quando ficamos estamos separado por causa do trabalho, mais uma vez... Eu percebi que nos falta, — diz ele com um aceno de cabeça. Ele chega na caixa e se move em torno de itens com um desconforto óbvio, mas pelo menos ele está procurando. Ele acalma por um momento antes de olhar para cima e encontra meus olhos. —Eu fui teimoso. Estive tão envolvido pensando com o meu ego e não o meu pau que perdi completamente o ponto. — Suprimo a esperança crescendo que sinto, medo de acreditar muito rapidamente que Anderson finalmente me ouviu. —Sem você aqui, eu percebi que ele é solitário como o inferno... e que eu preciso parar e ouvir, às vezes, realmente ouvir as palavras que você está dizendo. E você vem dizendo sobre esses brinquedos que não quer dizer que não sou o suficiente, mas você só quer um pouco mais de variedade.

Fecho meus olhos, as lágrimas vazando porque ele finalmente entendeu. Eu soluço como alívio finalmente encontrando seu lugar dentro de mim.

Com os olhos firmes nos meus, ele se inclina e fecha a distância entre nós. —Sabe o que eu acho? —, diz ele, um levantamento de sobrancelha e desejo escurecendo em seus olhos.

—Hum? — Não posso falar. Tem sido sempre assim desde que eu vi aquele olhar arrogante em seu rosto e, em certo sentido, ele só me deu a minha resposta, sem dizer uma palavra.

—Acho que nós devemos começar com isso. —Anderson pega um vibrador Lelo da caixa e eu gemo baixinho com o pensamento. —Bem, então está resolvido. Estou indo tomar um banho rápido, e quando eu voltar para o quarto, é melhor você estar na cama. Nua. — Ele pressiona um beijo contra meus lábios. —E pronta para ser fodida.

Assustei minha cabeça para trás para olhar para ele, o Anderson de 15 anos atrás olhando para mim. —Então, você vai ...

—Cinco minutos. —É tudo o que ele diz, enquanto se levanta e começa a caminhar fora do quarto, meu pulso acelerou, e o formigamento que esteve fora por tanto tempo quando se trata de Anderson corre de volta como uma enchente. Meus olhos seguem quando ele puxa a camisa em seu caminho em direção ao banheiro. Descrença e desejo surgindo dentro de mim.

Ele passa pela porta, para e se vira. —Ei, você nunca me disse, você recebeu meu presente de aniversário?

Meus dedos ainda na minha blusa, onde são desabotoando e morangos cobertos de chocolate piscam na minha cabeça junto com o cartão fechado que não consegui ler por causa da culpa. —Sim, obrigada, — jorro, um pouco fervor, antes de controlar minhas emoções para que ele não saiba que estou mentindo. —Esqueci quando liguei para dizer... eles eram tão gratificantes. Exatamente o que eu precisava.

Ele sufoca uma tosse, cobrindo sua boca para abafar fisicamente a violência dele.

—Hun, você está bem? — Começo a fugir para fora da extremidade da cama para ajudá-lo, mas ele só tem a mão para me parar.

Depois de um momento, ele se recupera e angula a cabeça para o lado, olhando para mim com a confusão gravando suas feições. —*Exatamente o que você precisava?* — O inquérito em sua voz tenta me explicar mais.

— Sim. O morangos cobertos de chocolate... *tão delicioso.*

— Não mandei você... eles... aqueles eram cortesia do hotel para o nosso aniversário. — Anderson tropeça nas palavras, perplexidade gravando suas feições.

Agora é a minha vez de estar confusa. Eu mudo meus olhos e vou para trás quando tento descobrir o que ele está falando. —Huh...

— Nada mais veio para o quarto?

— Não... foi... eu não estava lá muito. Talvez... — Não termino o meu pensamento, preocupada com minhas desculpas podendo dizer muito e que talvez algo fosse entregue, enquanto estava presa contra a minha vontade.

— Hmpf, — ele diz com um encolher de ombro indiferente que contradiz o olhar suplicante em seus olhos. Sua língua se lança para lamber os lábios, e ele olha para mim um pouco mais antes de balançar a cabeça em uma derrota divertido.

—O que foi? —Agora estou curiosa. Sua postura e comportamento conflitantes me faz querer saber o que perdi.

—Não se preocupe. —Ele sorri. —É... definitivamente não era morangos cobertos de chocolate. — Ele ri com um aceno de cabeça.

Vou pedir mais de uma explicação, mas o olhar em seus olhos quando ele para de me perseguir em minha direção de forma predatória —Eu acho que vou ter que fazer isso para você. Certifique-se de que sou apenas o que você precisa. — Ele se inclina para baixo e pressiona um beijo na minha boca, língua mergulhando entre meus lábios para dançar intimamente com a minha. E, assim tão abruptamente como começou o beijo, ele se vira e volta para o banheiro, jogando, —Cinco minutos e contando, — por cima do ombro.

Fico olhando para a porta agora vazia, meu coração inchado com o amor, e minha consciência um pouco mais leve. Nossa. Eu sou do tipo em um estado de descrença. Durante as suas desculpas, suas revelações, a sua aceitação de querer mais.

Tiro minha camisa sobre a minha cabeça e abro meu sutiã enquanto assimilo tudo. Eu fracasso de volta na cama e rio em voz alta. *O nosso décimo aniversário de casamento.* Quem teria pensado que não estaríamos juntos poderia ser a melhor coisa para nos ajudar a encontrar um ao outro novamente. Completamente fodido, mas incrivelmente verdadeiro.

Fecho meus olhos por um momento. Imagens que eu nunca vi, mas não posso apagar correm pela minha mente. Assustei quando o telefone toca sobre a cama. É para Anderson, e eu nunca o chamei. Eu normalmente só olho para ele e, em seguida, digo quem ligou para que ele saiba.

Estendo a mão para ele e sento quando vejo o número de telefone. O código de país italiano. Minha mente pensa imediatamente o hotel está ligando porque eles encontraram o presente que Anderson me enviou.

— Olá?

— *Ciao*. Aqui é Mauro do Hotel Mulino di Firenze.

— Oi, sim. O que posso fazer por você? — Eu pergunto, virando os meus sapatos enquanto espero pela resposta.

— Recentemente, você esteve com a gente em nossa suíte presidencial, *si?*

— Sim, mas não na...

— Nós encontramos uma pulseira debaixo da cama quando o quarto foi limpo que nós pensamos que pertence a você.

— Pulseira? —Alívio flui através de mim. Esqueci completamente sobre a minha pulseira, minha mente tão sobrecarregada com o processamento das últimas setenta e duas horas. Mas agora que eu me lembro, eu estou aliviada que a encontraram. Agora eu não preciso me preocupar em ter que explicar para Anderson que perdi. — Muito obrigada... mas... uh... Eu estava no quarto duzentos alguma coisa, não na suíte presidencial?

— Oh, eu sinto muito. Devo ter ligado o número errado, então. Deixe-me...

— Eu perdi uma pulseira. Assim, eu não tinha uma suíte, — Rapidamente corrijo, pensando que a diferença de linguagem pode ser o problema no entendimento, desesperado para chegar a minha pulseira de volta.

— *Scuzi*... deixe-me ver. — A linha fica em silêncio por um momento, preenchido apenas com o clique de um teclado. — Não, eu sinto muito. A pulseira foi definitivamente encontrada na suíte e ele tem este número de telefone quando o ocupante...

Meu pulso começa a correr a adrenalina começa a surgir e consciência começa a romper o nevoeiro.

Ouço mais digitação. — Ah, sim, aqui está. Este é o número correto para Marco, *si*?

— Sim, — sussurro no telefone do meu marido. *Telefone de Marco.* A voz do funcionário do hotel agora um som distante no meu ouvido.

Minha mente dispara para processar.

Entenda a magnitude do que aconteceu.

Aceite o fato de que ele já me deu tudo que pedi a ele.

Já me deu *o que eu precisava.*

Acho que eu recebi o meu presente de aniversário de Anderson, afinal.



*Incentive os revisores contando no nosso blog*
*o que achou da história do livro.*
**http://talionistw.wordpress.com/**

Todos os arquivos aqui postados são para leitura pessoal.

É proibido postar e/ou anexar nosso conteúdo em outros blogs, fóruns, grupos, redes sociais e afins.

Nosso trabalho é gratuito e não temos nenhum tipo de lucro.